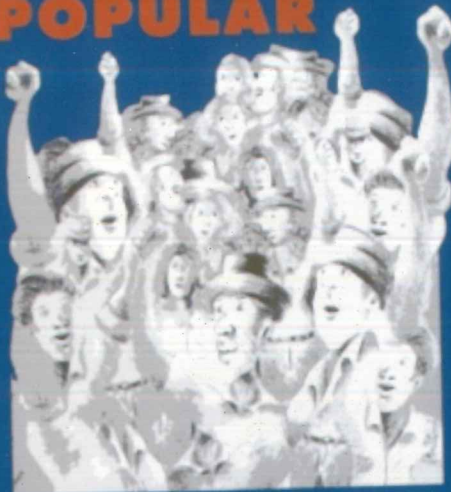


CRISTÓVÃO PEREIRA

O CONTRAPODER POPULAR



O poder pode corromper. Sempre corrompe. Vicia até. Não que ele seja mau. Quem vicia e deturpa são as pessoas que o detêm. Fala-se, então, na satanização do poder. Maquiavel já dizia que quem entra na Política deve aprender primeiro a não ser bom e não agir de acordo com os preceitos cristãos. E como reagir a esse poder que aliena e é mortal? Frei Cristóvão propõe a criação e organização do Contrapoder Popular, que é uma ameaça e repúdio ao poder demoníaco e perverso que assola as consciências e mentes. "O ser humano surge como um ser de cuidado. E o cuidado está ligado à vida e à política. É a arte de cuidar do povo, já que o amor leva ao cuidado e o cuidado leva ao amor. O cuidado surge como um novo paradigma da civilização." (Leonardo Boff).

O *Contrapoder Popular* é um livro de conflito. Um livro que mostra os extremos de um mundo em dialética sempre.

Ronald Claver

No imaginário popular, uma pessoa ética vem a ser uma pessoa correta e honesta. Neste sentido, diante do tribunal da Vida e do Povo, não há diferença entre um carroceiro e um Presidente da República. O que pesa é que sejam honestos.

Frei Cristóvão tem o apelido de Frei Capeta. Por aí a gente já sente o teor da personalidade deste homem, que seguiu os pensamentos de Celso Furtado, ficou exilado em Paris de 1967 a 1969, onde se especializou em Política de Desenvolvimento.

Formado em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais, foi professor titular de Política por dez anos e mais oito anos como titular de Sociologia na Fadom.

Da geosfera para a biosfera e da biosfera para noosfera, eis o caminhar da "Flecha do Tempo", na maravilhosa síntese do Teilhard de Chardin. O "Homem Solidarius" aponta para o nosso futuro. Frei Cristóvão

O poder sem autoridade enquanto força interior e disponibilidade a serviço do Bem e da Justiça se transforma em autoritarismo, em tirania.

"O poder não pode ser igualado ao direito. O poder jamais se basta a si mesmo, não é jamais absoluto e deve ser limitado pelo direito e pelo controle da comunidade."

Conferência Mundial das Religiões em favor da Paz, Kyoto, Japão.

MFC

Movimento Familiar Cristão

73

fato e razão



Recado aos Leitores

Estamos aqui novamente para destacar algumas novidades que este número lhes reserva.

Certamente será notada a evolução produzida em nossa diagramação. Isto se deve ao trabalho de um competente e especializado profissional contratado para desempenhar essa tarefa. Esperamos que a melhoria introduzida no visual da revista contribua para tornar sua leitura mais agradável.

Temos que nos dirigir também aos novos leitores que certamente estaremos conquistando através da distribuição da revista por intermédio de todas as Coordenações de Cidades.

Sobre os diversificados temas que habitualmente selecionamos para vocês destacamos nosso editorial que aborda um preocupante problema que aflige a Igreja Católica.

Consideramos essa matéria de tal importância que incluímos um outro enfoque sobre o mesmo assunto no texto "Por uma revisão da formação do clero", de Olinto Pegoraro, cujo currículo o credencia para a abordagem proposta.

Diante de tanta coisa boa só nos resta desejar uma proveitosa leitura.

Os Editores.



Julho 2010

73 fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

José Newton e Ariadna Ribeiro
Alzenir e Nereida Lopes
Paulo Roberto e Palmira Ferrari
Adalberto e Sônia de Jesus
A. Anastácio e Claire de Souza
Mozart e Geralda Carvalho

Editoria e Redação

Hélio e Selma Amorim
João e Arlete Borges
José Maurício e Marly Jorge Guedes
Luiz Carlos e Rita Martins
Oscavo e Terezinha Campos
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Itamar David Bonfatti
Rua Barão de Santa Helena, 68
36020-520 Juiz de Fora-MG
E-mail: fatoeracao@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefax: (32)3218-4239
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão

DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1300
orcamento@digrafica.com.br

Arte e diagramação

Anderson Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

A crise tem causas a remover Hélio e Selma Amorim	5
Cuidado ao falar Rosely Sayão	8
Da importância da Memória Maria Clara Lucchetti Bingemer	10
Justiça Social – Justiça Ecológica Leonardo Boff	12
Morte e luto Suzana Herculano Houzel	14
O Lazer e a criatividade Marcelo Barros	16
Educação e referenciais familiares Jorge La Rosa	18
Eleições 2010: Aquecendo os motores Pe. Virgílio Uchôa	21
Humanização da família Deonira L. Viganó La Rosa	24
Oração nua Pe. Alfredo J. Gonçalves	27
À Reflexão aos que desejarem Refletir Itamar D. Bonfatti	31
Aos meninos do Brasil Déo Januzzi	34
As pessoas em primeiro lugar Marcus Eduardo de Oliveira	36
Por uma revisão da formação do clero Olinto Pegoraro	38
Receita de Dona Cacilda	41
Resposta a situações que nos incomodam Geni Fiorezze Dariva	43
Só às vezes Danuza Leão	46
Talvez um dia! Rev. Luiz Henrique Sola no Rossi	48
Tantos tantos... Jorge Leão	50
A arte de ouvir	51
Deixe sua marca Maria Heliete	54
O Místico, quem é? Pe. Geovane Saraiva	56
Superar a desigualdade é promover a paz Pe. Nelito Dornelas	58
Programa de Formação Condir Sudeste	60

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família – INFA oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

“Bate-papos” provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC
Telefax: (32) 3218-4239 - e-mail: livraria.mfc@gmail.com

DVDs já disponíveis:



DVD 1

“Drogas: dependência e recuperação”
“Drogas: mitos e preconceitos”
“Violência na família”
“Família na escola”
“Diálogo & diálogo”
“Violência e insegurança”
“Separações e divórcio”



DVD - 2

“Drogas desafio para o educador”
“Drogas: da negação à onipotência”
“Criança agressivas”
“Aprendizagem bloqueada”
“Cuidar da voz”
“Motricidade oral”
“A família moderna”
“Sexualidade”



DVD - 3

“Violência urbana”
“Insegurança e medo”
“Idade e maturidade”
“Ética – princípios que regem as relações humanas.”
“Ética na política”
“Auto-estima sem narcisismo”
“Casamento rompido”
“Relacionamento conjugal e familiar”
“Identidade e auto-realização”

A crise tem causas a remover

A Igreja tem um velho problema por resolver. A cada momento se vê envolvida com desvios de comportamento sexual de um número preocupante de clérigos que causam estragos na sua credibilidade e rombos em suas finanças.

Hélio e Selma Amorim *

Os casos graves e numerosos de pedofilia desocultados em vários países, tentativamente encobertos sistematicamente pela hierarquia superior, vêm sendo amplamente divulgados mundo afora, gerando justa revolta e indenizações milionárias às vítimas dessas agressões.



Autoridades religiosas têm manifestado preocupações sobre o risco de desdobramentos de comportamentos incorretos no exercício futuro de suas funções, já que sacerdotes estarão sempre envolvidos com grupos de diferentes faixas etárias, em colégios religiosos e paróquias, muitas vezes envolvendo crianças ou adolescentes sem maturidade para defender-se de eventuais assédios de natureza sexual.

Também se vão revelando nos seminários de formação de sacerdotes elevado percentual de jovens homossexuais e consequentes práticas de homossexualismo em níveis e frequência acima dos índices sociais desse aspecto da sexualidade humana. O Vaticano chegou a anunciar há cerca de um ano uma mega operação mobilizando grande número de inspetores para visitar 229 seminários norteamericanos e investigar a incidência do problema do homossexualismo. Visava à exclusão de candidatos ao sacerdócio que apresentassem essa tendência sexual, o que seria uma discriminação inaceitável.

Esse quadro – certamente realista – ressalta o fato de estar a Igreja lidando com uma das questões não ou mal resolvidas nas doutrinas, disciplinas e práticas eclesiais. A sexualidade humana foi sendo demonizada ao longo dos séculos, na construção do corpo de doutrinas e normas eclesiásticas, nem sempre rigorosamente evangélicas. Foram elaboradas por santos teólogos varões, celibatários forçados, geralmente submetidos a uma formação castradora do impulso sexual, para serem capazes de defender-se do risco de envolvimento afetivos e assédios de forte estimulação de sua sexualidade que pusessem em risco o voto do celibato imposto.

A castração intencional de um impulso tão fundamental é uma violência contra a pessoa humana e contra Deus que nos dotou a todos desse estímulo rico para a construção de relações interpessoais profundas e humanizadoras. Para construí-las e constituir família fomos criados.

Por outro lado, a sublimação livre e espontânea desse impulso, não condicionada ou induzida por pressões psicológicas e preconceituosas contra a sexualidade, para abraçar uma vocação rara e especial de serviço ao Povo de Deus, em situações limites, é sem dúvida um valor heróico. Não é o caso da maioria dos sacerdotes designados para gerir uma paróquia ou exercer o magistério em seminários e universidades católicas, atividades

compatíveis com a constituição de uma família e a realização plena da sexualidade que alimenta uma rica vivência afetiva querida por Deus.

Arriscamo-nos a afirmar que na norma do celibato obrigatório está a origem dos problemas que a Igreja pretende resolver de forma canhesta e preconceituosa. O homossexualismo não é uma enfermidade ou deformação de caráter. A ciência ensina que tem origem na formação biopsíquica original do ser humano, que definirá sua constituição sexual não apenas orgânica e morfológica, mas o direcionamento do impulso para relações afetivas profundas homo ou heterossexuais. A ampla predominância da segunda tendência na sociedade não permite desqualificar a outra como deformação ou enfermidade psíquica.

Em suma, a vocação para o sacerdócio pode ser viva e verdadeira tanto no homossexual como no heterossexual que também tenha uma forte e bela vocação para o casamento e a paternidade. Um e outro não deveriam ser impedidos de abraçá-las, por não se configurar qualquer incompatibilidade.

O crescimento da participação de homossexuais no conjunto de candidatos e no próprio clero já ordenado pode ser explicado também pela norma do celibato obrigatório. Com efeito, o homossexual justifica socialmente a sua dificuldade para relações afetivas com mulheres por

seu voto de celibato solenemente assumido. Sente-se, por outro lado, atraído por integrar-se a uma corporação exclusivamente masculina, que corresponde ao tipo de convivência próprio de sua constituição sexual. Nos seminários, ao longo de anos de convivência, acresce a possibilidade do envolvimento afetivo e da prática homossexual que agora estará sendo investigada naqueles países.

É claro que ninguém acredita tratar-se de um fenômeno exclusivo dos países já reconhecidamente afetados. É uma advertência aos reitores de todos os seminários do planeta, para que não adotem esse repúdio preconceituoso de homossexuais. Tampouco a homossexualidade explicará os desvios para a pedofilia criminosa. É mais provável que esse tipo de assédio tenha autores heterossexuais cujo impulso sexual tenha sido reprimido por aquela formação castradora que acaba aflorando sob formas odiosas de comportamento.

É chegado ainda que tardio o tempo propício para a discussão ampla da sexualidade na vida da Igreja e em suas normas e doutrinas questionáveis sobre essa rica realidade humana. O mesmo se aplica à persistente exclusão das mulheres do acesso ao sacerdócio, uma expressão inaceitável do medo da feminilidade nos espaços do clero e governo da Igreja.

Essa visão deformada da sexualidade também interfere freqüente e indevidamente nas doutrinas sobre relações conjugais, no planejamento familiar, e de modo injustificável na acolhida “generosa” e humilhante aos que fracassaram no casamento e reconstruíram a sua vida afetiva com benefícios para todos os envolvidos, minimizando os efeitos sofridos da separação irreversível.

** Hélio e Selma Amorim são Membros do MFC Movimento Familiar Cristão e do INFA Instituto da Família.*

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC
Assinatura anual: R\$ 30,00 (Trinta reais - 4 edições)
Preço para o ano de 2010

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO

Rua Barão de Santa Helena, 68

Juiz de Fora - MG

Cep 36010-520

**fato
e razão**

Tel/Fax: (32) 3218-4239

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

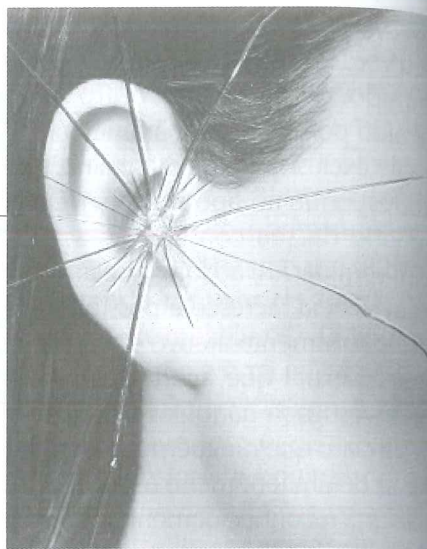
Cuidado ao falar

Rosely Sayão*

"Os ouvidos não têm pálpebras, por isso não podemos nos proteger dos barulhos que não queremos ouvir" Essa frase, dita por uma professora de música em uma reunião de pais, me fez pensar muito na vida das crianças na atualidade.

Você já observou uma delas assistindo a um filme? Quando surge uma cena que ela não quer ver, fecha os olhos. Até adultos fazem isso. As pálpebras são uma espécie de proteção do sentido da visão: acionadas intencionalmente, nos protegem de visões que nos causam asco, medo ou repulsa, por exemplo. Desde cedo, a criança aprende a usar esse recurso.

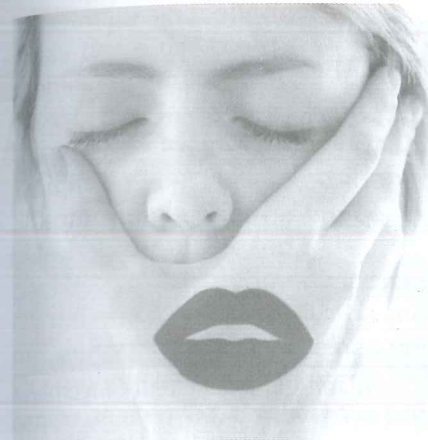
Já do que se fala em seu entorno as crianças não podem se proteger. Hoje, os adultos não têm tomado muito cuidado quando conversam entre si perto de crianças e isso acontece por vários motivos. Um dos principais é que a presença da criança no mundo adulto foi quase naturalizada. De modo geral, não consideramos mais nocivo que ela par-



ticipar de acontecimentos próprios da vida adulta. Para não sonegar informações que ela solicita ou que acreditamos que ela deva ter, lhe dizemos quase tudo.

O segundo motivo é que nós, adultos, estamos muito centrados em nossas próprias vidas. Quando queremos desabafar, tecer comentários diversos, contar segredos, tecer julgamentos de pessoas próximas ou com as quais mantemos relações impessoais, fazemos isso sem antes observar se há crianças por perto que estariam expostas ao que dizemos.

E, além de a criança absorver tudo sem ter maturidade suficiente para dar um sentido apropriado ao que ouve, ela fica sempre pronta a expressar o que ouviu, a qualquer hora e na frente de qualquer um, já que não é capaz de guardar segre-



dos – o que coloca seus pais em situações constrangedoras.

Uma mãe me contou que, ao entrar no elevador com a filha de cinco anos, encontrou-se com uma vizinha. De pronto, a menina, disse em alto e bom som: "Mãe, é dessa mulher que... você não gosta?" Nem é preciso dizer o clima que se instalou entre as duas, que convivem no mesmo prédio.

Em uma escola de educação infantil, a professora acabara de contar uma história que falava em pesadelos e sonhos. Uma criança disse que a mãe sempre tinha pesadelos porque gemia à noite e, na

sequência, outras crianças comentaram o mesmo a respeito dos pais.

Nossa preocupação deve ser com o que a criança ouve e passa a fazer parte de sua formação ou deformação, em alguns casos moral, tanto quanto com aquilo a que ela dá um sentido que interfere radicalmente em sua vida psíquica e emocional.

Um garoto de nove anos entrou em estado de apatia porque ouviu seus pais tratarem de sua transferência de escola. A mãe disse que talvez fosse melhor uma escola mais fácil porque ele não era tão inteligente quanto o irmão mais velho.

Já que não conseguimos controlar tudo o que a criança ouve, podemos ao menos poupá-la dos ruídos indesejáveis a ela. Para tanto, precisamos ser mais cuidadosos na presença dos mais novos.

* **Rosely Sayão** é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Ed. Publifolha) roselysayao@uol.com.br

blogdaroselysayao.blog.uol.com.br
Transcrito do Caderno Equilíbrio da Folha de São Paulo.

"Fiz um acordo de coexistência pacífica com o tempo: nem ele me persegue, nem eu fujo dele, um dia a gente se encontra".

Mário Lago

Da importância da Memória

ADITAL

O grande filósofo Martin Heidegger afirma que "a memória é o recolhimento do pensar fiel". Com isso, quer dizer que ela protege e guarda consigo tudo aquilo que é importante, que faz sentido, que se antepõe e antecede mesmo aos fatos como seu sentido. Tudo aquilo, enfim, que se propõe ao pensamento como conteúdo digno de ser refletido e recordado. Por isso, a memória é a condição de possibilidade da cultura, da civilização, de tudo que o ser humano constrói sobre a terra.

Em termos teológicos, a memória é o que permite não perder a Palavra revelada e acolhida na fé; a identidade do Deus pessoal que se revela, diz seu nome e mostra seu rosto e deseja ser reconhecido. Pela memória se narra e se conta, sempre de novo, a história dessa experiência, desse diálogo, dessa identidade. E tudo isso para fazer memória, para poder testemunhar para as novas gerações, para não deixar esquecer aquilo que fez e deve continuar fazendo a humanidade: viver, sofrer, rir, pensar, falar e conhecer.

Existe a memória da alegria, do amor vivido e realizado, dos momentos vividos juntos. Memória dos ros-

tos sorridentes, das palavras trocadas, dos gestos de carinho sentidos sobre a pele que, tocada, se sente vibrar de vida e gozo. É recordação que ajuda a viver e concede doçura ao mais duro cotidiano.

Mas existe também a memória da dor, que arrasta para a visibilidade e a frente do prosaetório a dor das vítimas diante dos poderes alimentados pelo princípio de domínio. A memória da dor não fala em termos abstratos, do "ser humano" ou da "humanidade". Fala do outro concreto: do desespero das viúvas que se lançam impotentes sobre o caixão do companheiro; do choro das crianças órfãs que gritam sem entender por que seu pai jaz no chão perfurado por balas e granadas; dos rostos emagrecidos e famintos dos que vivem em continentes que as grandes potências riscaram dos mapas. Fala do holocausto nazista... e dos expurgos stalinistas e de seus milhões de vítimas que têm nome, endereço, um número tatuado na pele do braço e uma estrela amarela costurada na roupa.



Maria Clara Lucchetti Bingemer *

Quando há olvido dessa dor e desse sofrimento, começa um processo lento de desumanização de um povo ou de uma cultura. Por isso filósofos como Adorno, teólogos como Johann Baptist Metz, enfatizam a importância da dimensão subversiva da memória. É subversiva porque não deixa esquecer e traz as vítimas para o centro da atenção. É subversiva porque não deixa desaparecer na noite dos tempos o mal praticado, a justiça desprezada e põe em evidência o processo de extinção da tradição que começa a crescer, ameaçando sufocar a dignidade humana e empurrar em direção à desumanidade.

A memória reclama uma razão anamnética, um modo de pensar que não reduza o sujeito a uma abstração conceitual sem referência à história e aos processos sociais. E assim reivindica o direito de ser uma mediação crítica para a prática humana. Seu instrumento é por excelência a narrativa. A narrativa é a morada da memória. Assim nasceu o cristianismo, quando os discípulos do nazareno narravam uma e outra vez a história daquele que passara pela vida fazendo o bem, que fora morto violenta e injustamente, mas que Deus ressuscitara e agora se encontrava vivo em meio a eles.

Assim acontece igualmente com as vítimas da história que, nomeadas e narradas pela memória, permane-

A memória é o que permite não perder a Palavra revelada e acolhida na fé; a identidade do Deus pessoal que se revela

cem vivas e se mantém acesa a chama de suas vidas que clamam por justiça. Não se trata de um mero amor às tradições, mas o desejo de criar e formar uma comunidade de solidari-

idade com as vítimas da história, que interrompe as tentativas de calar e amordaçar a verdade que os sistemas totalitários de todos os tipos carregam em seu bojo. A memória resgata a narrativa ardente do passado e o atualiza para transformar o presente. Rememora acontecimentos com urgência de futuro, criando uma solidariedade que olha longe e vê além das aparências.

Um país sem memória vai pouco a pouco vendo desaparecer e esfumar-se sua identidade verdadeira. Abre espaço para retornos indesejados e varre para as sombras de um equivocado esquecimento presenças luminosas cujas vidas deveriam ser narradas uma e mais vezes, a fim de iluminar o caminho das novas gerações. Esperemos que o Brasil não entre nessa lista. Seria desastroso e indigno da grande nação que é.

* **Maria Clara Lucchetti Bingemer**,
Autora de "Simone Weil – A força e a
fraqueza do amor" (Ed. Rocco).
www.users.rdc.puc-rio.br/ágape/,
entre outros livros.

Teóloga, professora e decana
do Centro de Teologia e
Ciências Humanas da PUC-Rio

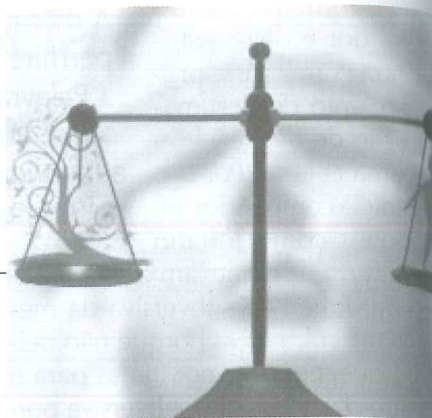
Justiça Social – Justiça ECOLÓGICA

Leonardo Boff*

Entre os muitos problemas que assolam a humanidade, dois são de especial gravidade: a injustiça social e a injustiça ecológica. Ambos devem ser enfrentados conjuntamente se quisermos pôr em rota segura a humanidade e o planeta Terra.

A injustiça social é coisa antiga, derivada do modelo econômico que, além de depredar a natureza, gera mais pobreza que pode gerenciar e superar. Ele implica grande acúmulo de bens e serviços de um lado à custa de clamorosa pobreza e miséria de outro. Os dados falam por si: há um bilhão de pessoas que vive no limite da sobrevivência com apenas um dólar ao dia. E há, 2,6 bilhões (40% da humanidade) que vive com menos de dois dólares diários. As consequências são perversas. Basta citar um fato: contam-se entre 350-500 milhões de casos de malária com um milhão de vítimas anuais, evitáveis.

Essa anti-realidade foi por muito tempo mantida invisível para ocultar o fracasso do modelo econômi-



co capitalista feito para criar riqueza para poucos e não bem-estar para a humanidade.

A segunda injustiça, a ecológica está ligada à primeira. A devastação da natureza e o atual aquecimento global afetam todos os países, não respeitando os limites nacionais nem os níveis de riqueza ou de pobreza.

Logicamente, os ricos têm mais condições de adaptar-se e mitigar os efeitos danosos das mudanças climáticas. Face aos eventos extremos, possuem refrigeradores ou aquecedores e podem criar defesas contra inundações que assolam regiões inteiras. Mas os pobres não têm como se defender. Sofrem os danos de um problema que não criaram. Fred Pierce, autor de "O terremoto populacional" escreveu no New Scientist de novembro de 2009: "os 500 milhões dos mais ricos (7% da população mundial) respondem por 50% das emissões de gases produ-

tores de aquecimento, enquanto 50% dos pais mais pobres (3,4 bilhões da população) são responsáveis por apenas 7% das emissões".

Esta injustiça ecológica dificilmente pode ser tornada invisível como a outra, porque os sinais estão em todas as partes, nem pode ser resolvida só pelos ricos, pois ela é global e atinge também a eles. A solução deve nascer da colaboração de todos, de forma diferenciada: os ricos, por serem mais responsáveis no passado e no presente, devem contribuir muito mais com investimentos e com a transferência de tecnologias e os pobres têm o direito a um desenvolvimento ecologicamente sustentável, que os tire da miséria.

Seguramente, não podemos negligenciar soluções técnicas. Mas sozinhoas são insuficientes, pois a solução global remete a uma questão prévia: ao paradigma de sociedade que se reflete na dificuldade de mudar estilos de vida e hábitos de consumo. Precisamos da solidariedade universal, da responsabilidade coletiva e do cuidado por tudo o que vive

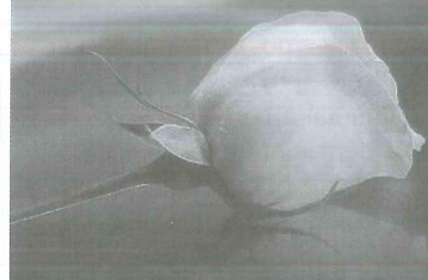
e existe (não somos os únicos a viver neste planeta nem a usar a biosfera). É fundamental a consciência da interdependência entre todos e CE unidade Terra e humanidade. Pode-se pedir às gerações atuais que se rejam por tais valores se nunca antes foram vividos globalmente? Como operar essa mudança que deve ser urgente e rápida?

Talvez somente após uma grande catástrofe que afligiria milhões e milhões de pessoas poder-se-ia contar com esta radical mudança, até por instinto de sobrevivência. A metáfora que me ocorre é esta: nosso país é invadido e ameaçado de destruição por alguma força externa. Diante desta iminência, todos se uniriam, para além das diferenças. Como numa economia de guerra, todos se mostrariam cooperativos e solidários, aceitariam renúncias e sacrifícios a fim de salvar a pátria e a vida. Hoje a pátria é a vida e a Terra ameaçadas. Temos que fazer tudo para salvá-las.

* **Leonardo Boff** é Teólogo, autor de *Opção-Terra: a solução para a Terra não cai do céu*, Record (2008)

"A medida do amor é amar sem medida."

Santo Agostinho



Morte e luto

Suzana Herculano Houzel*

Cachorro que aprende a pular muro não dura muito tempo e com o mestiço que meus pais recolheram da rua não foi diferente, apesar das experiências adquiridas em sua vida prévia como vira-lata. Trouvé viveu seguro no jardim da casa até descobrir, dois meses atrás, uma brecha na janela e notar que suas pernas davam conta de alçar voo por cima do portão. Em uma de suas escapadas, e na ânsia de achar um caminho até meus pais na piscina que lhe era proibida, acabou morrendo afogado na do vizinho.

Meus pais ficaram desolados. A empatia com o sofrimento do ser querido ao expirar, no caso tragicamente embaixo da lona que semi-protegia a piscina, é apenas parte da dor. A maior, mais profunda e duradoura vem ao longo dos dias, conforme o cérebro, habituado à presença que fazia parte do seu mundo, antecipa esbarrar com quem se foi pelos corredores, na

rotina do café da manhã, ao chegar em casa – mas não só não o encontra como – sabe que não o encontrará mais. Ficam as memórias, que, às vezes, podem ser evocadas com tanta nitidez que o cérebro quase acredita na presença do ser querido. E então, o luto: o período que o cérebro leva para aceitar que todas as expectativas que en-

volvem quem se foi não mais serão cumpridas (talvez por isso a constatação do corpo morto seja tão importante: para que não fique a angústia da dúvida).

Quem fica precisa atualizar sua representação mental do mundo e ajustá-la à nova realidade, que não é mais habitada por quem nos acariciava, buscava ou simplesmente fazia companhia. E isso leva tempo.

Quanto maior e mais próxima era a convivência, quanto mais entranhada em nossa representação do mundo era a pessoa que morre, mais profunda é a dor da sua ausência e mais longo o luto.

Conforto meus pais lhes lembrando de que foi graças a eles que Trouvé ganhou urna vida feliz e sem sarnas. Morrer é o fim inenarrável para todos. Se a vida é como um filme cujo final conhecemos antes mesmo de iniciada a sessão, então é a história que vale

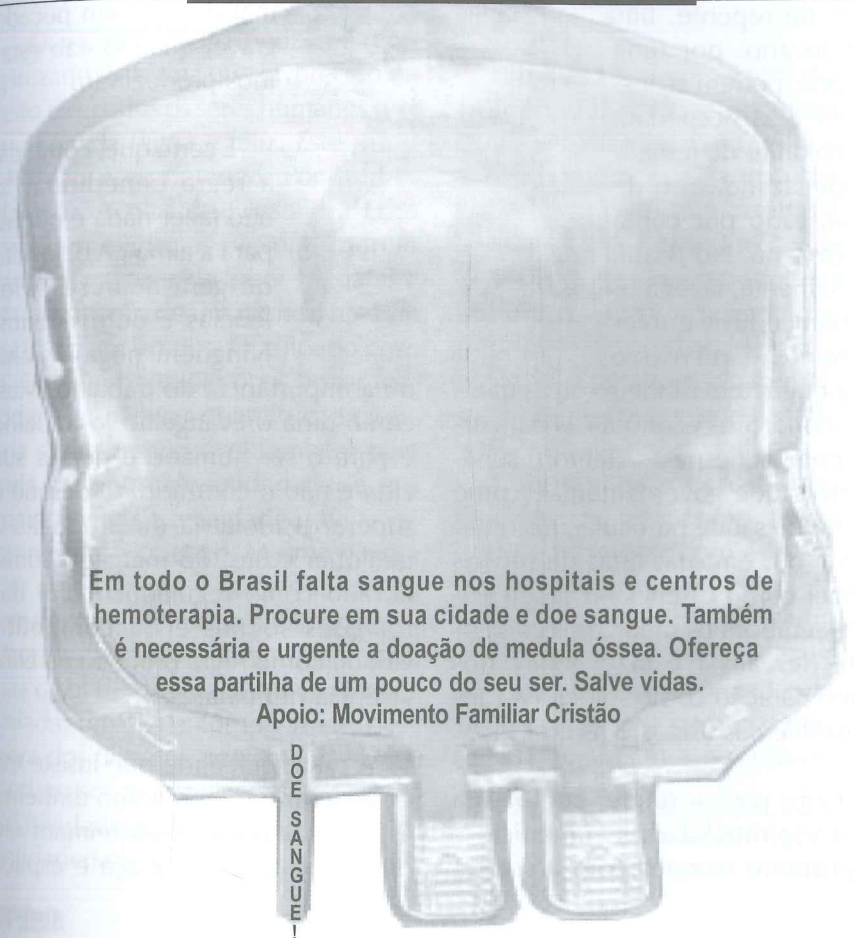
a pena – como já deveria ter aprendido com meus filhos, que curtem quantas reprises puderem no Disney Channel. Digo tudo isso à minha filha de dez anos, chorosa, para que ela vá aprendendo a conviver de maneira saudável com a ideia da morte. Mas não é pelo Trouvé que ela chora, nem pela certeza da morte, e sim pelos avós que irão sofrer com a fal-

ta do cachorrinho. Acho que ela entendeu: o papel da morte é dar valor à vida.

Suzana Herculano Houzel é neurocientista é professora da UFRJ e autora de *Pílulas de Neurociência para uma Vida Melhor* (ed Sextante) e do blog www.suzanaherculanohouzel.com suzanahh@gmail.com

Transcrito do Caderno Equilíbrio da Folha de São Paulo

UTILIDADE PÚBLICA



Em todo o Brasil falta sangue nos hospitais e centros de hemoterapia. Procure em sua cidade e doe sangue. Também é necessária e urgente a doação de medula óssea. Ofereça essa partilha de um pouco do seu ser. Salve vidas.

Apoio: Movimento Familiar Cristão

O Lazer e a criatividade

Marcelo Barros *

No mês de julho, em todo o Brasil, escolas e universidades dão uma pausa em suas atividades. Em várias regiões do Brasil, é tempo de férias. No Centro-oeste, é temporada de acampamentos no Araguaia. Em um país socialista como Cuba, operários ou sub-empregados que lutam para sobreviver a vida inteira, de repente, uma vez ao ano, por uma semana, podem se inscrever e se hospedam em colônias de férias e hotéis fazendas ou de praia, tudo por conta do governo. No Brasil, infelizmente, lazer ainda parece luxo e infelizmente é restritivo para quem tem dinheiro ou as mínimas condições econômicas para arcar com as despesas. Tanto o serviço de saúde governamental, como planos de saúde particular, não imaginam pôr em suas listas de serviço o lazer como essencial à saúde pública, embora os médicos recomendem descansar e fazer exercícios como natação como solução a vários problemas físicos e psíquicos.

Tanto para a saúde, como para uma espiritualidade ecumênica, é importante romper com a rotina.

Cada pessoa tem sua medida de trabalho e sua necessidade de descanso. Há pessoas que se refazem plantando uma horta. Outras recreiam fazendo comida. Outras ainda se refazem dirigindo um carro. E também há quem prefira simplesmente viver alguns dias sem obrigações de horário, embora muitos ainda não sintam livres, porque a sociedade capitalista nos faz sentir mal e como em pecado grave, quando não estamos produzindo.

É certo que, como diz a regra beneditina, "o não fazer nada é nocivo para a alma". A ociosidade gera neuroses, violências e outros vícios.

Ninguém nega o valor ou a importância do trabalho. Mas, como diria o Evangelho, o trabalho é para o ser humano e para a sua vida e não o contrário. O desafio é superar a idolatria da produção a qualquer custo, do mercado considerado como regulador maior das relações sociais e da competitividade como regra primeira da convivência humana.

A uma sociedade que insiste em considerar o tempo como dinheiro, as culturas tradicionais teimam em dizer que tempo é graça e espaço

de convivência. As tradições populares contêm muito da criatividade que pode fundamentar novas relações sociais. Em uma sociedade que só dá valor ao trabalho ou ao estudo, mas não ao lazer, o trabalho e o estudo são planejados e organizados em leis bastante restritas. O lazer é abandonado à própria sorte. Quem contar quantas horas do dia uma pessoa que se forma dedica à escola, vai constatar que a escola ocupa uma parte pequena da vida (1/7 do tempo). Deixa uma grande parte de tempo livre sem planejamento.

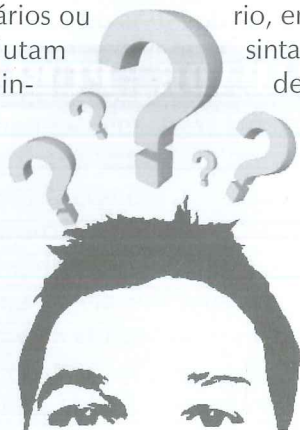
O mundo inteiro pode ser reorganizado de forma que favoreça o direito que todos os seres humanos têm a uma vida digna e feliz. Este caminho não é espontâneo. Por isso, as diversas escolas de Filosofia e Ética precisam ajudar as pessoas a torná-las mais capazes do amor solidário e da construção de um mundo no qual todos sejam irmãos. O cuidado com a vida não basta para nos trazer felicidade, a não ser quando cada pessoa se faz responsável também pela vida do outro. A solidariedade é a maior fonte de felicidade e bem-estar pessoal e coletivo. Mesmo nas férias ou em pleno lazer, é possível viver de forma solidária e responsável. Para descansar, há quem peça apenas o sol do Araguaia, muita cerveja gelada, uma bela companhia e a espera dos dias que passam. Estes dias podem ser mais felizes com alguma criatividade e uma boa parcela de solidariedade humana.

O Ocidente precisou de filósofos contemporâneos como Domenico de Masi para valorizar o "ócio criativo" que, há séculos, as culturas negras e indígenas cultivam, ao menos aquelas que não se deixaram contaminar pela ambição do lucro, desencadeada pelo contato com a cultura capitalista. O ócio criativo não é simplesmente uma ausência de ocupação, mas é relacionar melhor trabalho, estudo e lazer. A reflexão sobre o "ócio criativo" ajuda as pessoas a planejarem melhor o tempo livre e a aprofundarem o sentido e o valor do lazer.

No Brasil de hoje, alguns dos trabalhos sociais mais importantes e significativos consistem em educar crianças e jovens para artes plásticas, música, dança e outras formas de arte que dão novo sentido à vida das pessoas, liberta jovens, adultos e crianças da violência de cada dia e os educa para a criatividade que, muitas vezes, falta na escola formal, presa a programas e currículos oficiais.

Podemos tornar nossa vida uma bela obra de arte, como, ao contrário, podemos transformá-la em algo desarmônico, feio e nocivo. A sociedade nos condiciona até certo ponto, mas podemos reagir a isso e sermos responsáveis por um caminho novo e mais feliz para nós mesmos, nossos semelhantes e o universo.

* Marcelo Barros é Monge beneditino e escritor



Educação e referenciais familiares

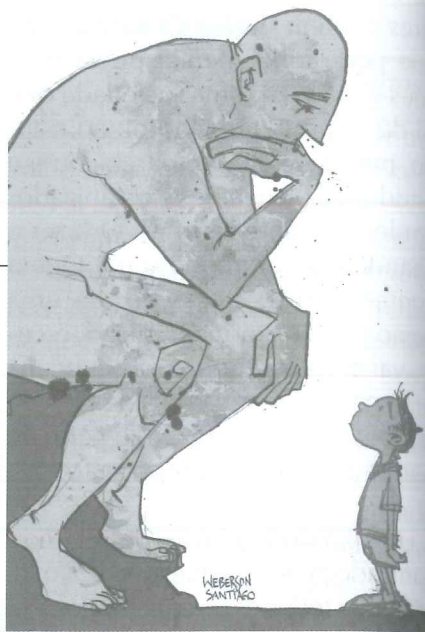
Jorge La Rosa*

A educação é um processo constante de mil e uma facetas: sempre podemos saber mais sobre educação e sempre podemos evoluir no processo de nossa humanização. Ela é, também, tarefa complexa: mil e uma variáveis interferem. Entre estas, fundamental, são os referenciais familiares, sem os quais não há educação.

Os referenciais são o conjunto de valores, de normas e costumes e de práticas que a família adota: são o norte que indica o caminho a seguir, sem ele não há caminho, ou seja, não há educação. Crianças e adolescentes muitas vezes são abandonados ao próprio arbítrio, e, assim, solitários sentem-se inseguros e perdidos.

NA INFÂNCIA

Pais de bom senso não esperam a criança chegar ao uso da razão para saber se ela quer ou não tomar a vacina antipólio: aplicam-lhe nas épocas determinadas. Se ela está com otite, levam-na ao médico que prescreve a medicação. Ao chegar



à idade escolar, matriculam-na em estabelecimento de ensino para que ela seja instruída e educada. Em todas essas decisões e práticas há pressupostos: as crianças não tem ainda capacidade de discernir e escolher aquilo que lhes convém, e, por isso, os pais o fazem em seu lugar. Já aqui há uma série de referenciais que são da família: a valorização da vida, da saúde, da medicina, da instrução. Que, inconscientemente, a criança vai absorvendo

Pensemos agora em pais que não levam a criança ao posto de saúde para as vacinas, que ignoram a doença da criança e que ao chegar à idade escolar encaminham-na para pedir esmolas nos semáforos. Que referenciais estará passando para a criança?

CULTURA ALIMENTAR

Hoje, graças a Deus, divulgam-se bastante os diversos tipos de nutrientes de que o organismo necessita, e em que alimentos eles se encontram. Conheço casal que nos primeiros anos de vida do filho não lhe proporcionaram refrigerantes, mas sucos das mais variadas frutas, e que o cativava. Conheço outros pais também cujos filhos muito pequenos já estavam viciados na coca cola e nos salgadinhos industrializados dos supermercados.

Que diferença de horizonte e de paradigma! Em um caso, cultura alimentar e cuidado com a saúde do filho, o que não se observa no outro, pelo contrário, ignorância e descaso. Felizes os filhos cujos pais possuem cultura alimentar e cujas práticas são coerentes; pobrezinhos e abandonados os filhos de pais relapsos ou indiferentes. As crianças subrepticamente vão introjetando esses referenciais.

VALORES ÉTICOS

Outro aspecto importante dos referenciais familiares são os valores éticos. Honestidade, responsabilidade, respeito e consideração com o semelhante aprende-se em primeiro lugar e de modo decisivo no aconchego do lar. Tanto a partir do discurso em que esses valores são propostos como pela

prática através da qual os pais são verdadeiros modelos para os filhos. Há necessidade urgente de que os pais falem desses valores com seus filhos e discutam modos de implementá-los. De nada adianta o pai falar de honestidade para o filho se este percebe que o pai age de modo fraudulento em seus negócios. Aqui como sempre, o exemplo fala mais alto do que o discurso. Assim, a coerência entre o que se diz e o que se faz dos pais é fundamental no processo

de aprendizagem de valores dos filhos. Ou essa aprendizagem não se realiza.

VALORES RELIGIOSOS

Não sei se o leitor já encontrou algum casal ou pai que tenha dito: "Não imporei nenhuma religião para meu filho, quando ele for grande, ele que escolha." Dá para entender essa postura quando os pais não tem valores religiosos; pais com uma crença religiosa darão testemunho de sua fé e nela iniciarão seus rebentos.

Assim, pais cristãos falarão de sua fé e de seu compromisso com Jesus Cristo; pais judeus falarão da fé do pai Abraão, dos profetas e da religião estruturada por Moisés; genitores muçulmanos darão testemunho de Maomé e de sua mensagem contida no Corão. Se os filhos mais

Sempre podemos saber mais sobre educação e sempre podemos evoluir no processo de nossa humanização

tarde quiserem fazer outra opção religiosa, que o façam; hoje, contudo, no seu alvorecer, os pais tem obrigação de lhes deixar o legado religioso que eles mesmos possuem – a religião tem papel importantíssimo no processo civilizatório e no aperfeiçoamento moral do ser humano.

EXPLICITAR OS REFERENCIAIS

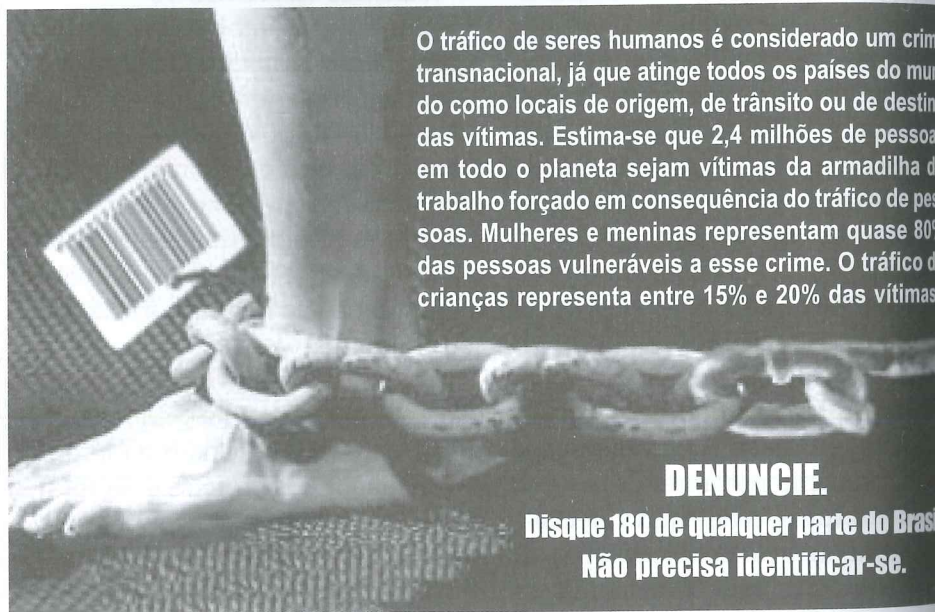
Eis uma questão que não pode ser esquecida. Os pais precisam explicitar e conversar com os filhos a respeito de seus valores, de suas crenças, hábitos e costumes, e

justificá-los. Precisam dizer que consideram importante o estudo, a dedicação e a responsabilidade, que abominam as drogas e que estas só trazem a infelicidade e a dependência, que é preciso ter fé e ser coerente com ela; enfim, falar da direção e das metas que sua família persegue.

Os filhos precisam de direção e orientação. E aos pais corresponde proporcioná-las.

**Jorge La Rosa é Professor universitário. Doutor em Psicologia*

UTILIDADE PÚBLICA

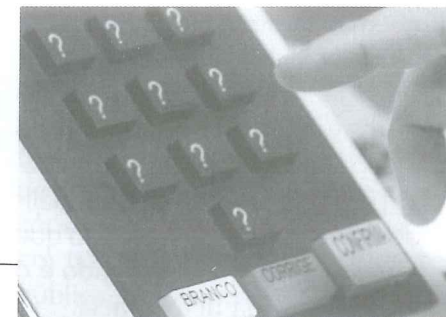


O tráfico de seres humanos é considerado um crime transnacional, já que atinge todos os países do mundo como locais de origem, de trânsito ou de destino das vítimas. Estima-se que 2,4 milhões de pessoas em todo o planeta sejam vítimas da armadilha do trabalho forçado em consequência do tráfico de pessoas. Mulheres e meninas representam quase 80% das pessoas vulneráveis a esse crime. O tráfico de crianças representa entre 15% e 20% das vítimas.

DENUNCIE.
Disque 180 de qualquer parte do Brasil.
Não precisa identificar-se.

Eleições 2010: Aquecendo os motores

*Pe. Virgílio Uchôa **



Começa a largada para as eleições do dia 3 de outubro com comícios e, sobretudo, propaganda eleitoral veiculada freneticamente por todos os meios de comunicação disponíveis. Muita gente está convicta de que a arrancada já se deu e que vem sendo feita ao arrepio da lei. De qualquer maneira, tanto da parte das oposições como, sobretudo, dos governos, o aquecimento dos motores e os treinos classificatórios já estão em curso há tempo.

O eleitor corre o risco de ficar zonzinho diante de tanta escolha que ele é chamado a realizar. Além de presidente da república, teremos de votar em senadores, deputados federais, governadores e deputados estaduais. Ficam de fora apenas prefeitos e vereadores.

O tirocínio dos eleitores brasileiros vai se consolidando a trancos e barrancos. Acho que podemos dizer que os governos democráticos recomeçaram com a implosão

do nefasto colégio eleitoral que resultou na chegada ao poder de Tancredo Neves. E, desde a eleição do sucessor de Tancredo/Sarney, o povo vem escolhendo diretamente seus representantes em todas as esferas do poder. São 25 anos de prática democrática ininterrupta. É pouco, na verdade, mas já é alguma coisa.

Esse período de lua-de-mel com a democracia trouxe conquistas significativas: a constituição cidadã de 1988, a estabilidade da moeda através do Plano Real, a Lei de Responsabilidade Fiscal, o fortalecimento da indústria e da agricultura, as políticas sociais, desenhadas por Ruth Cardoso e Patrus Ananias, que estão realizando uma importante transferência de renda. Mas, neste mesmo período, vimos assistindo a inúmeros sismos e tsunamis que deixam os eleitores de cabelo em pé: dinheiro público afanado para recheiar contas bancárias de espertalhões e, o que é ainda pior, para garantir a permanência no poder e

também o acesso a ele por parte de partidos políticos. Depois do "rouba, mas faz", está surgindo a grande e triste novidade no mundo do crime: o "não rouba para si, mas para o partido". E esta nova modalidade de delinquência é pior do que a primeira, pois o seu resultado é o aniquilamento da democracia.

As reformas, as eternas reformas cantadas em prosa e verso em praça pública desde o governo João Goulart há 47 anos, continuam amarelecendo nas prateleiras à espera de governantes ousados que não tenham compromisso senão com o bem do povo. Nenhum dos governos eleitos teve ainda a coragem de aprofundar as mudanças radicais na estrutura do estado, da educação, saúde, previdência, leis trabalhistas, enfim, em todo esse arcabouço bolorento que vem emperrando o verdadeiro desenvolvimento social e econômico do país, preconizado pela Constituição de 1988.

Para serem efetivamente populares, elas necessitam visar ao bem comum e não às elites dominantes que sempre manipularam a seu favor a coisa pública. Assim como a reforma de uma casa, as mudanças causam enormes transtornos com o quebra-quebra inicial, particular-

mente ao romper com interesses e privilégios instalados. Mas esta é a hora de antever a beleza e o conforto que a obra trará no final, quando de fato o projeto nacional de justiça social, sustentável e para todos, prevalecer sobre a visão econômico-financeira de desenvolvimento.

O tirocínio dos eleitores brasileiros vai se consolidando a trancos e barrancos.

São 25 anos de prática democrática ininterrupta. É pouco, na verdade, mas já é alguma coisa

ais. Não se pode deixar de reconhecer que caminhamos muito na senda democrática. Basta olhar aquelas e aquelas que são pretendentes ao cargo de presidente da república. Hoje não há lugar para o voto do medo, pois nenhuma das candidaturas viáveis é tida como desestabilizadora pelos vários segmentos da população, inclusive pelo mercado financeiro.

A escolha então precisa passar pelo conteúdo das propostas dos diversos partidos e pelo currículo ético dos candidatos que os representam. Ética e reformas poderia ser o binômio para orientar nossas escolhas na hora de digitar os números dos candidatos nas quadrículas da urna

O momento parece dos mais propícios para o encaminhamento de soluções desses enormes problemas que nos vêm afligindo. Sim, a hora é agora. Estamos para renovar as chefias dos executivos federal e estadual.

eleitoral eletrônica. Os programas partidários e a campanha eleitoral devem contar com ampla e efetiva participação popular para que a nação possa trilhar caminhos sob a égide da justiça social. Este ideário não é pequeno. Reformas qualificam a população, proporcionando-lhe acesso à educação de qualidade e à saúde, e revigoram a estrutura econômica, financeira e produtiva do país. E a ética, além de evitar a sangria de preciosos recursos para o desenvolvimento, será o motor das políticas sociais sustentáveis que poderão tornar a nação gradativamente mais justa e equânime.

Vamos votar de olho no binômio. E não deixemos de chamar nossos amigos para as urnas, evitando-se as abstenções. E ainda há como lembrar aos que pretendem se ausentar de seus domicílios no dia das eleições que poderão, este ano, votar em trânsito para presidente da república, desde que estejam de posse de seu título de eleitor e se inscrevam na justiça eleitoral antes de viajar. Votar é preciso. **E votar bem.**

** Virgílio Uchôa Padre católico, pároco da Igreja Mães dos Migrantes de Brasília - DF*

UTILIDADE PÚBLICA

AVC

Muitas vezes, os sintomas de um derrame (AVC) são difíceis de identificar. A vítima do derrame pode sofrer severa consequência cerebral se não for socorrida em no máximo três horas. Qualquer pessoa pode reconhecer um derrame fazendo à vítima estas simples perguntas:

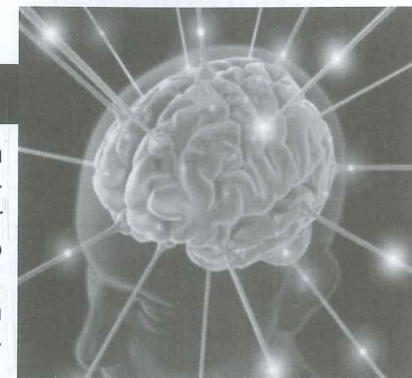
Peça-lhe que SORRIA.

Peça-lhe que FALE e diga uma frase simples, com coerência (ex : Hoje o dia está ensolarado).

Peça-lhe que levante AMBOS OS BRAÇOS.

Peça-lhe ainda que ponha a LÍNGUA para fora.

Se ele ou ela têm algum problema em realizar qualquer destas tarefas, ou se a língua estiver torcida e sair por um lado ou por outro, chame a emergência imediatamente e descreva os sintomas, ou leve-a rápido ao hospital.



Humanização da FAMÍLIA

Deonira L. Viganó La Rosa

Ninguém pode agir como se existisse uma Família que pudesse viver e morrer isoladamente, como se ela tivesse realidade por si só, com independência das estruturas sociais.

A família não está simplesmente sofrendo uma crise, a família está imersa num profundo processo de transformação acompanhando as mudanças sociais, culturais, econômicas, políticas, climáticas e religiosas que, a um ritmo cada vez mais vertiginoso, modificam a sociedade. As mudanças na família e na sociedade são interdependentes.

Apesar das variadas formas que assume e das transformações que passa ao longo da história, a família permanece como condição para a humanização e socialização das pessoas. É na família que os valores são aprendidos.

HUMANIZAR O HUMANO?

Diz Antônio Allgayer: "Jesus era tão humano, que de tão humano só podia ser Deus". Humanizar é um verbo que o cristão precisa conjugar em seu cotidiano. Quando ele pratica um ato humano, praticou um



ato cristão. Se ele pratica um ato desumano, é anticristão.

Há pouco tempo, alguém nos surpreendeu com esta pergunta: "Humanizar?

Como assim, humanizar?"

Humanizar o que já é humano parece algo contraditório. Entretanto, todo ser humano é um ser inacabado e, se é saudável, está consciente de sua inconclusão. Portanto, o homem pode sim humanizar-se (ou desumanizar-se), pois ele cresce (ou decresce) todo dia. Mas, somente a humanização – o ser mais – é a vocação do homem. A desumanização gera o 'ser menos'.

Humanizar é ter uma concepção clara de "que homem queremos construir", isto é, "como este ser humano deve ser para ser 'humano'". E agir em coerência. A pessoa que vive determinados valores,

como a empatia, a compaixão, a solidariedade e o cuidado, certamente será 'humana'. Quem é 'humano' não pode ferir o outro porque, quando o faz, se sente ferido.

Humanizar-se é, então, evoluir. É educar-se para ser mais benévolo, mais ético, mais compassivo, mais solidário, mais empático. É um processo que dura uma vida.

HUMANIZAR A SOCIEDADE

A humanização oferece um sentido à ação humana. Ela auxilia a quem age a explicar a si mesmo como inserido num mundo de relações sociais e políticas.

Trabalhar para que a sociedade seja humanizada nada mais é do que buscar estratégias e ações que visem colocar o ser humano, e o respeito que lhe é devido, como centro das relações políticas, comerciais, culturais. Quando estas relações giram em torno do eu, do poder e do dinheiro, fazendo do ser humano escravo destas variáveis, então a sociedade está se desumanizando.

Sabemos que o homem e a mulher, muitas vezes, geram ações desumanas, perversas e destruidoras que os desviam de sua vocação humanística. Mas, seu papel fundamental é humanizar cada

vez mais o mundo, dizer não a intolerância, às culturas de opressão e de negação das diversidades. É empenhar esforços para que as necessidades de cada ser sejam humanamente satisfeitas.

Nessa luta, o papel dos pais e educadores é central, já que são eles que indicam os caminhos, apontam as situações-limites, propõem a leitura de mundo, subsidiam o corpo crítico dos filhos e alunos e colaboram na formação ético-social de pessoas que terão a missão de agir e transformar a sociedade e o mundo em que vivemos.

SEM COMUNICAÇÃO NÃO HÁ HUMANIZAÇÃO

Somente o modelo motivado pela solidariedade, realizado pelo encontro interpessoal e mediado pela palavra é capaz de promover a humanização.

**Ninguém pode agir
como se existisse
uma Família que
pudesse viver e
morrer isoladamente,
com independência
das estruturas sociais**

O ser humano dispõe do grande instrumento da palavra para mediar os encontros interpessoais. A palavra precisa ter lugar mais relevante no cotidiano institucional e familiar. Desafortunadamente,

ainda não usamos com eficácia a palavra. Até bem pouco tempo tínhamos que controlar a palavra para não sermos massacrados pelo autoritarismo da sociedade, da escola, da

própria família. E, apesar de agora o uso da palavra estar permitido, temos resquícios que nos impedem de falar e/ou escrever, tememos expor-nos, ou vamos para o outro lado, usando a palavra para manobrar e ferir pessoas.

Importa lembrar que o sentimento vem à frente das palavras. Conseguindo colocar-se no lugar do outro, você se sensibiliza com as alegrias, as dificuldades e o sofrimento, e é isso que o torna mais humano e lhe possibilita realmente ajudar alguém. Entrar em contato com os próprios sentimentos é a base para desenvolver a empatia. Como alguém que

despreza as próprias necessidades e sentimentos poderá compreender as necessidades do outro?

Uma família se humaniza quando as relações entre seus membros se tornam civilizadas (a boa educação é a fina flor da caridade), rejeitando qualquer violência, oferecendo atendimento de qualidade, capaz de gestos concretos de solidariedade e de compaixão. Os pais dando o exemplo e criando ocasiões para estas práticas:

Deonira L. Viganó La Rosa é
Terapeuta de Casal e de Família.
Mestre em Psicologia.

Frase

*Que religioso pode defender seu pensamento se não usar o elemento da fé?
Que neurocientista pode defender seus argumentos se não usar o fenômeno da especulação?
Que ateu ou agnóstico pode defender suas idéias sem margem de insegurança e sem distorções?*
Augusto Cury em O Vendedor de Sonhos

"A sabedoria não vem automaticamente com a idade. Nada vem - exceto rugas. É verdade, alguns vinhos melhoram com o tempo, mas apenas se as uvas eram boas em primeiro lugar."

Abigail Van Buren

"A sabedoria torna bons os homens. A simulação da sabedoria torna-os péssimos."

Juan Luis Vives

Oração nua

Pe. Alfredo J. Gonçalves *

ADITAL

São diversas as modalidades de oração: oração litúrgica ou eucarística, revestida de cânticos, preces, leituras, símbolos; oração comunitária, em que predominam a recitação dos salmos, com intervenções ligadas ao cotidiano da comunidade; oração devocional, pessoal, familiar ou coletiva, onde se mesclam diferentes expressões religiosas, de acordo com a cultura de cada grupo ou povo: peregrinações, procissões, novenas, rosário, bênçãos.

Mas há também a oração nua. Neste caso, não há leituras, não há hinos, não há preces. O que pode ajudar é uma melodia de fundo, apropriada ao recolhimento. Também é essencial o silêncio exterior e interior. Trata-se sempre de um momento estritamente pessoal, no qual coração e mente se predispõem para uma harmonia profunda com o Transcendente. Aqui vale acrescentar que o caminho de cada um é absolutamente único e sua experiência intransferível.

Oração nua, porque despida de adornos, de palavras e até de símbolos. O importante é rezar as sen-

sações e sentimentos, procurando trazer à tona impulsos estranhos e ocultos, tornando conscientes instintos e emoções inconscientes. Numa palavra, é uma forma de desnudar-se diante do totalmente Outro. É este, aliás, o segundo sentido da nudez de semelhante oração: o fato de desarmar-se de qualquer tipo de defesa antecipada. Despojados, é preciso deixar que o que temos de particularmente mais íntimo aflore das sombras à superfície e à luz da face do Senhor. Não permitir que o medo e a vergonha bloqueiem esse despojamento.

Num primeiro momento, serão naturais as resistências e as tentativas de fuga. O silêncio questiona, incomoda e interpela. Não raro, uma pessoa pode ser a pior companhia para si mesma. Com frequência buscamos algo para esconder a própria nudez, ou alguma voz para calar aquela que vem do fundo mais escondido de nós mesmos. O excesso de leitura na oração pode revelar-se uma forma de fuga.



É preferível manusear conceitos a confrontar-se no encontro pessoal com Deus. Valemo-nos de qualquer coisa para ocupar o tempo que, gota a gota, parece não passar.

Vencido esse primeiro obstáculo, pode vir a desilusão. É o tempo do deserto, da escuridão, da indiferença e do silêncio de Deus. Estamos ansiosos, vivemos numa sociedade imediatista, queremos respostas rápidas aos problemas que nos atormentam. Buscamos receitas prontas, analgésicos para as aflições do cotidiano. Até o momento em que nos damos conta que a oração, em verdade, não modifica nossos problemas diários, e sim nossa maneira de encará-los. Deus é fiel não porque venha imediatamente em nos-

so socorro na hora da tribulação, mas porque nos oferece a possibilidade de procurar o socorro junto às pessoas que nos cercam e nos amam. A fidelidade de Deus se revela no respeito incondicional à liberdade do ser humano e em sua presença amorosa, mesmo que todos nos abandonem. Deus se revela, a um só tempo, poderoso e frágil: seu único poder é o amor. E quem ama expõe-se à negação do outro ou, a exemplo da flor, está sujeito às tempestades e ventanias mais avassaladoras.

Mas é a partir daí que começa propriamente a oração. Desfeitas a pressa e as ilusões, o silêncio principia a revelar sua fecundidade. Na abertura ao Transcendente, sua luz penetra as sombras mais ocultas de nosso ser, ilumina as incongruências, hipocrisias e contradições desconhecidas.

O progressivo autoconhecimento dá início a um processo longo e lento de dissolução e libertação. É como se um espelho nos devolvesse um rosto disforme, desfigurado, e tratamos logo de tomar providências para corrigi-lo. A luz identifica, escancara e dilui as trevas mais profundas. "Na lembrança, assim como na chama, queimam-se todas as impurezas da vida" (GUYAU, Jean-Marie. A arte do

ponto de vista sociológico. Martins Fontes Editora, São Paulo, 2009, pág. 255). Da mesma forma que as estrelas, ela brilha mais forte quanto maior a escuridão. É a verdade que está para além, não para aquém, da razão.

Nesta relação íntima e mística, desnuda-se também a desarmonia do coração e da mente. Damo-nos conta dos mil ruídos e rumores que nos cercam, sejam eles externos ou internos. Até mesmo o silêncio pode converter-se num tremendo ruído.

É preciso distinguir silêncio e mutismo. Este representa fechamento em si mesmo, recusa à comunicação. Cria situações constrangedoras em ambientes familiares, comunitários ou de trabalho. Torna-se um deserto estéril. O silêncio, ao contrário, é sempre povoado e fecundo, ou de recordações da própria trajetória histórica ou da presença de Alguém que nos faz companhia. Nessa dialética entre ruído, mutismo e silêncio, a oração nua constitui uma espécie de alquimia que converte os ruídos da vida secreta em melodia. Não que os barulhos cotidianos sejam eliminados como que por encanto, mas é possível descobrir, para além da agitação febril que caracteriza a existência moderna, uma harmonia misteriosa e inesperada. No mundo urbano, esse processo de alquimia é ainda mais custoso, mas também elementar.

Há, porém, um passo a mais na oração nua. A relação com o totalmente Outro reclama a relação com o outro. Ela nos devolve às atividades do dia-a-dia e pergunta pela autenticidade de nossas atitudes.

O calor misterioso e espiritual do momento bate-se contra os blocos de gelo que, no trato com determinadas pessoas, situações e conflitos, vamos acumulando no coração. Se perseverarmos na oração, esse calor tende a iniciar um processo de derretimento do gelo. A oração tem repercussões incontestáveis na família, na comunidade, na vida social, política e econômica. Projeta raios de luz ao seu redor. Ela fornece elementos para desatar uma série de nós em que nos acorrenta a existência cotidiana.

Daí a reciprocidade que, aos poucos, vai se estabelecendo entre o contato íntimo com Deus, de um lado, e o comportamento com as pessoas que nos cercam e com quem convivemos, de outro. Ambos passam a exigir-se, a complementar-se, a interpelar-se reciprocamente. Abrir-se ao Transcendente e abrir-se aos outros são duas dimensões de uma mesma atitude. Porém, não há magia. O processo tem avanços e recuos, é turvo e luminoso a um só tempo.



Um último aspecto da oração nua é sua relação com a natureza e com o belo. Aqui a oração revela-se uma obra de arte. Da mesma forma que o artista vê no bloco de mármore ou na paisagem a matéria prima de sua obra, o místico refaz a partir dos fatos cotidianos uma harmonia com a criação. O artista recria esteticamente a matéria bruta da pedra, da madeira, do aço, dos acontecimentos; o místico recria espiritualmente os embates de um cotidiano dilacerado por ruídos e

contradições. Ambos utilizam a sensibilidade estética e espiritual para desvendar o sentido oculto por trás das aparências. O homem de oração é um artista da vida, da história e da natureza. Podemos concluir com as palavras de Guyau: "Assim como existe uma cidade ideal da religião, existe também uma cidade ideal da arte" (Idem, pág. 104).

* Pe. Alfredo J. Gonçalves
é Assessor das Pastorais Sociais

Você pode ver gratuitamente:

Domínio Público - Pesquisa Básica - Windows Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favoritos Domínio Público - Pesquisa Básica

Governo Federal Destaque do governo

Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

Pesquisa Básica
Selecione o critério da pesquisa.

- As grandes pinturas de Leonardo Da Vinci e muitos outros;
- Escutar músicas em MP3 de alta qualidade;
- Ler obras de Machado de Assis ou a Divina Comédia, de Dante Alighieri;
- Ter acesso às melhores historinhas infantis e vídeos da TV Escola;
- Ler artigos científicos;
- E muito mais...

Destakes

- Machado de Assis: obra completa
- Plano de Desenvolvimento da Educação
- Música Erudita Brasileira
- Obras Machado de Assis
- Video Paulo Freire Contemporâneo
- Poesia de Fernando Pessoa
- Literatura Infantil em português

O Ministério da Educação oferece tudo isso, basta acessar o site:
www.dominiopublico.gov.br

À Reflexão aos que desejarem

Itamar D. Bonfatti

Nesses últimos 65 anos a Europa finalmente parece ter tomado juízo percebendo que guerra não leva a lugar nenhum. Para se entender melhor o que se pretende aqui refletir necessária memória rápida sobre as dolorosas consequências a 1ª Guerra Mundial (1914 - 1918).

Recordando. Mesmo vencida e humilhada a Alemanha continuava suas tensões com a França. Também derrotada pelos aliados a Turquia – ela se unira aos alemães naquele conflito – saiu por isso mesmo perdedora quando bateu de frente com a Liga Balcânica, aquele povo até hoje bir-

Refletir

rento do Mediterrâneo. Sem falar que terminara a influência turca no norte africano e no Oriente Médio, substituída imediatamente por interesses europeus e norte-americanos (ler "petróleo"). As pinimbas entre Polônia e Rússia continuavam! Dentro daquele caos do sistema capitalista - motor inicial da guerra aqui recordada – veio o pior do todo pós-guerra: desemprego e refugiados. Imigração em massa e aumento de conflitos étnicos.

Gente sem teto e sem pátria assim como fronteiras mexidas pelos interesses econômicos sem consulta às populações. Lavou- ras destruídas, fome, epidemias e inflação ao lado de imigrações em massa para a América do Norte e do Sul. Tem mais: a Revolução Comunista havia conquistado o Poder na Rússia (1917) e com ela o fim da secular



monarquia dos Romanov. Resumo: a guerra começada em 1914 havia colocado a economia capitalista europeia no absoluto zero: produzia-se mas ninguém tinha dinheiro para comprar!

Aproveitando o ANO SANTO de 1925 o papa Pio XI, visivelmente preocupado com aquela situação aflitiva - América, Ásia e África

não eram realmente preocupações imediatas daquela encíclica - escreve a encíclica QUAS PRIMAS exortando a necessidade do mundo - a rigor carapuça pra Europa quase toda ainda monárquica - resgatar Jesus Cristo como mediador maior e canal de esperança dentro daquela situação. Assim aquela encíclica introduziu na Liturgia da Igreja a FESTA DE CRISTO REI, um monarca universal único capaz de devolver esperança a todos. Posteriormente, indiferente às exortações papais, a Europa quatorze anos depois - em plena esquizofrenia do nazismo e do fascismo - deu início à 2ª Guerra Mundial (1939) onde morreram 26 milhões de pessoas e naquela enxurrada, lá se foram vários reis e com eles monarquias européias já decadentes.

Lendo hoje a encíclica QUAS PRIMAS frente à realidade de nosso

Continente - feliz e literalmente sem reis e monarquias - aquele 1925 já tem dificuldade de ser entendido porque a imagem de "rei" não parece adequada à América Latina e Caribe. Afinal Jesus terá de ser visto na ótica da nossa realidade continental sofrida enquanto Filho de Deus e homem de Nazaré que viveu e teve gestos de dignidade, por sinal... nada monárquicos!

**Olhando a nossa
dura verdade
continental, não
estaria mais
adequado a
JESUS de NAZARÉ
não o título de
Sua Majestade e
sim o de Redentor
e Libertador nosso?**

Vejamos neste tempo forte de aprofundamentos cada vez maior da Palavra de Deus frente ao já distante 1925. Montado num jumento Jesus de Nazaré fugiu da multidão que desejava coroá-lo rei quando entrou em Jerusalém aclamado pelo povo. (Jo 12,12). O mesmo aconteceu quando às margens do Lago de Tiberíades multiplicou pães e peixes para a multidão. Diz João no cap. 6,15: "Quando Jesus percebeu que queriam levá-lo para proclamá-lo rei, novamente se retirou sozinho para as montanhas". Depois outras aconteceram.

Já preso os soldados seviciaram-no, torturaram-no metendo-lhe uma coroa de espinho. Em seguida puseram-lhe um galho como se fosse um cetro seguindo-se de cusparada em seu rosto quando um dos torturadores disse; "Salve rei dos judeus!" (Mt.27,29-30) e como se não bastasse



Pilatos mandou afixar na cruz letreiro escrito em hebraico, latim e grego: "Jesus de Nazaré Rei do Judeus" (Jo.19,19-29). Assim as referências a Jesus como rei foram momentos de muita humilhação e dor. Não poderia ser diferente!

Jesus vivia e pregava com simplicidade a BOA NOVA de seu projeto não muito sintonizado com o título de CRISTO REI. Sobretudo à luz de nosso Continente hoje! Interessante que na festa de Jesus enquanto monarca do mundo, continua bem oculta no último domingo no Ano Litúrgico, a comemoração do **DIA da AÇÃO CATÓLICA**, em outras palavras o **DIA do LAICO**. Trata-se de uma comemoração ainda um tanto apagada quase cem anos após do fim da 1ª Guerra Mundial. Diante de tudo uma pergunta: que título o CELAM - Conferência Episcopal Latino-Americana e Caribenha daria hoje a Jesus de Nazaré? Provavelmente frente à realidade republicana e não monárquica de toda a América, mas olhando a nossa dura verdade continental, não estaria mais adequado a JESUS de NAZARÉ não o título de Sua Majestade e sim o de Redentor e Libertador nosso?

Itamar D. Bonfatti,
MFC Juiz de Fora, MG

Frases para reflexão

"Prefiro os que me criticam, porque me corrigem, aos que me elogiam, porque me corrompem"

"Todo mundo 'pensando' em deixar um planeta melhor para nossos filhos... Quando é que 'pensarão' em deixar filhos melhores para o nosso planeta?"

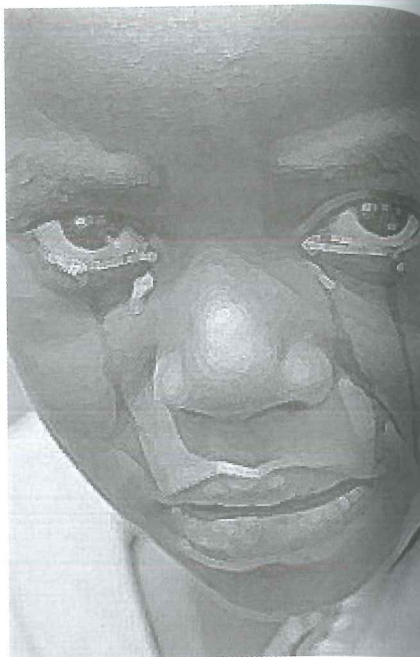
Santo Agostinho

Aos meninos do Brasil

* Déa Januzzi

Hoje, quero pedir emprestado a sabedoria do irmão Raimundo Rabelo Mesquita, um salesiano que sempre soube enxergar o mundo com os olhos de Deus; hoje, quero consultar o pedagogo, Antônio Carlos Gomes da Costa, que vê os jovens como solução e não como problema; hoje, preciso urgentemente conversar com padre João Batista Libânio, um jesuíta apaixonado pela teologia da libertação e da redenção. Preciso sintonizar-me com o espírito de Chico Xavier e pedir uma prece especial. Preciso de uma oração poderosa, de uma palavra de consolo, um milagre. Preciso de fé, pois não tenho explicações para a dor daquele menino encostado no poste da avenida Prudente de Moraes.

Ele chorava sem parar, sem consolo. Aproximei-me e perguntei por que ele estava chorando, se ele precisava de alguma coisa, se queria dinheiro, se estava com fome ou com frio, porque a poucos metros dali outros meninos mais afortunados se divertiam no boliche, brincavam nas máquinas eletrônicas, pulavam de um lado para outro, comiam fartos pedaços de pizza, regados a refrige-



rante e conforto. Mas o menino continuou calado, agarrado ao poste. Só as lágrimas falavam. E negou a minha ajuda. Não quis o dinheiro que eu oferecia, mas deixou escapar num só fôlego: "Não tem um pedaço da minha vida que é feliz".

A resposta me atingiu como um soco, grudou os meus pés no chão como se fossem de chumbo. E fiquei ali, parada, muda e surda, perplexa e desnorreada. Onde é que está o meu filho para me ajudar a sair dessa encruzilhada? Onde é que encontro o padre Libânio a essa hora para expulsar os meus demônios, para confessar o meu medo diante da fala daquele menino? E o irmão Mesquita que não aparece. E Antônio Carlos que não chega. E eu que acabei de

esquecer todas as rezas, que não tenho mais nenhum credo, amém!

O menino não portava nenhum revólver. Não tinha nenhum caco de vidro nas mãos. Não mendigava. Não roubava, mas a sua fala me jogou no chão, com toda a violência.

O que fazer diante da dor daquele menino que mora lá em cima, no Aglomerado Santa Lúcia, e que desceu para chorar no asfalto da Prudente de Moraes? Como dar força para esse menino de short, camiseta e sandálias, em pleno inverno? Como falar de esperança, oportunidade com o menino que chora na Prudente de Moraes?

Corri para a proteção da minha casa, sem respostas. Por vergonha, escondi-me. Sem palavras, esquivei-me. Só consegui, instintivamente, passar a mão na cabeça do menino e fugir, pois é bem mais fácil reagir à violência, dar um trocado ou, quem sabe, uma roupa velha, um brinquedo estragado, um prato de comida. Posso também: fechar as janelas do meu coração e fingir que está tudo bem.

Mas como saciar a fome de esperança? Como matar a sede de alegria, como colar os pedaços de frustração daquele menino que chora na Avenida Prudente de Moraes?

Como remendar os sonhos que se perderam no caminho? Como falar de amor, um sentimento e luxo que esse menino nunca vai ter? Como resgatar a ternura de quem tem 12 anos, mas não conhece um pedaço de felicidade? O menino da Prudente de Moraes expôs toda a minha fragilidade de mulher e de mãe. E a minha primeira reação foi voltar, agasalhar aquele menino nas mantas dos meus braços, conversar com ele, oferecer-lhe abrigo, espantar a sua dor. Então, peguei o elevador e desci depressa para a Avenida Prudente de Moraes, mas ele não estava mais lá. Durante semanas procurei o menino pelas imediações do bairro. Mas ele nunca mais apareceu, nunca mais vi aquele menino. A não ser nos meus sonhos, onde limpo as lágrimas dos meninos que choram pelas ruas do Brasil.

Déa Januzzi é cronista do jornal Estado de Minas. Crônica transcrita do texto "Coração de Mãe."

"O supérfluo dos ricos é propriedade dos pobres."

Santo Agostinho

As pessoas em primeiro lugar

Para aqueles que labutam no desejo em construir uma economia com uma face mais humana, voltada a atender as necessidades das camadas populares mais necessitadas, um primeiro ponto de ruptura, para que isso, de fato, possa se suceder deve acontecer urgentemente.

Marcus Eduardo de Oliveira *

É imprescindível que se rompa com a idéia dominante da estatística voltada unicamente na obtenção cega de elevadas taxas de crescimento econômico. A tradição da teoria econômica, desde a obra seminal de Smith, em 1776, tem sido manifestada largamente nos livros-texto insistindo unicamente que o crescimento econômico é a receita infalível para o progresso de cada um.

Em síntese, essa recomendação atesta que basta viver sobre uma economia em franca margem de crescimento que as oportunidades sociais logo serão estendidas a todos; e as necessidades básicas de cada um, por consequência, serão plenamente satisfeitas. Para tanto, a

economia tradicional concentra todas as forças na busca desse crescimento, ignorando, por exemplo, as ocorrências dos passivos ambientais advindos de um crescimento agressivo em termos de recursos naturais explorados à exaustão. A matemática desse crescimento econômico a qualquer custo tem sido torpe em termos de análises dos fatos colaterais. Nesse modelo, o que importa é crescer; assim recomenda com veemência a economia tradicional que vê crescimento como sinônimo de progresso, e confunde consumo material com felicidade.

Por outro lado, é importante ressaltar que, definitivamente, o ponto central de uma economia que

seja mais humana e menos tecnicista, mais social e menos mecânica e rebarbativa, diferente, portanto, dessa economia tradicional que tem dominado o ambiente econômico, está em usar as técnicas e modelos econômicos conhecidos de maneira a atender satisfatoriamente as necessidades dos mais desfavorecidos; daqueles "excluídos da economia mundial", para tomarmos emprestadas as palavras de Amartya Sen.

Nesse sentido, o eixo dessa economia solidária e humana consiste em colocar as pessoas em primeiro lugar. O que importa para nós que defendemos essa linha de raciocínio são as pessoas e suas necessidades elementares, e não o mercado e suas mercadorias. Para nós comprometidos com a ruptura/mudança em favor de uma economia mais justa e fraterna, crescimento econômico é visto, tão somente, como algo tecnicamente quantitativo, enquanto que desenvolvimento envolve mudar o foco para os termos qualitativos, incluindo, evidentemente, a possibilidade de se atingir bem-estar.

Aceitar essa última premissa como verdade e, antes, fazer disso um ideal de luta, é se colocar ao lado daqueles que tanto necessitam de ajuda: os "excluídos da economia mundial" cujas cifras são cada vez mais assustadoras em es-

cala mundial: 1 bilhão de estômagos vazios; 1,5 bilhão de pessoas sem acesso à água potável; 19 crianças com menos de 5 anos de idade mortas a cada cinco minutos de pneumonia; 500 mil mães morrendo a cada ano na hora do parto devido a assistência médica insuficiente; 5 milhões de crianças que a cada ano não completam 5 anos de vida.

Nesse pormenor, a economia (ciência e atividade produtiva) tem todas as condições de fazer avançar um programa de recuperação social, desde que, é claro, se rompa, abruptamente, com o pragmatismo dominante da tradicional economia que insiste em medir a realidade social por números e valores monetários, como se a "vida econômica" se resumisse a uma questão matemática. É urgente, pois, mudar-se o eixo da economia e, definitivamente, firmar políticas públicas que coloquem as pessoas em primeiro lugar; afinal, a economia, enquanto ciência, desde seu surgimento, no final do século XVIII, nasceu para dar uma resposta positiva à vida de todos nós.

* Marcus Eduardo de Oliveira é Economista e professor do UNIFIEO, da FAC-FITO e da Faculdade de Vinhedo. Mestre pela USP e Especialista em Política Internacional.



Por uma revisão da formação do clero

"Toda a estrutura de normas e disciplinas que sustentam o celibato dos padres não faz mais sentido para o mundo contemporâneo"

Olinto Pegoraro*

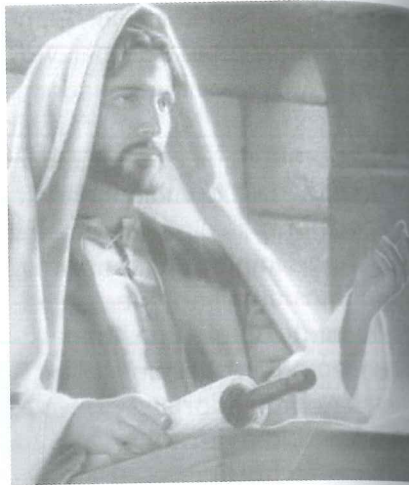
Folha de S. Paulo - 14/04/2010

Constatamos que, ao longo da história, a Igreja Católica tratou de forma diferenciada dois assuntos considerados fundamentais: a doutrina e a moral.

Nas questões de doutrina dogmática, exige-se uniformidade. Qualquer desvio é cobrado com retratação pública, e quem se recusa a fazê-la é afastado do ensino da teologia, assim como destituído das funções religiosas. Existem muitos teólogos nessa condição marginalizada.

Quanto aos desvios morais, muito mais claros e evidentes que os supostos erros, as autoridades eclesásticas procedem lentamente, na esperança do arrependimento dos faltosos.

A quem se arrepende e promete emendar-se a igreja oferece o perdão e segue a vida. Sem dúvida, essa prática se baseia nos exemplos de perdão que Jesus ofereceu generosamente a tantos pecadores e pecadoras.



Entretanto, a igreja de Jesus é dirigida por homens com as limitações de todos, seja qual for o seu grau hierárquico. Em casos de desvios morais, os faltosos são mantidos em observação, são transferidos de um lugar para outro, de diocese para diocese e até de país para país, na expectativa do arrependimento e emenda do faltoso.

A sociedade contemporânea entende essa atitude como negligência. Essa tolerância conta com outro aliado: o silêncio. O silêncio para não gerar escândalo e para manter

a imagem da igreja. Dessa maneira, casos de graves desvios morais são encobertos por espessa camada de cinza. Se, por acaso, algo transparece, a autoridade competente, local ou vaticana, faz um pedido de desculpas.

O silêncio e o segredo dispensam até o processo canônico, isto é, o processo no tribunal eclesástico. Um processo civil seria abominável. Por isso, é aus-

piciosa a manchete de ontem desta Folha, segundo a qual a igreja passa a recomendar explicitamente que casos de pedofilia sejam levados à Justiça.

Isso porque os tempos mudaram. A ética humana sofreu enormes transformações a partir da segunda metade do século 20, notadamente na esfera dos comportamentos sexuais. As pílulas anticoncepcionais e as camisinhas contribuíram enormemente na dita revolução sexual.

Essas transformações comportamentais tiveram por base um dos mais importantes princípios da ética moderna, o princípio da autonomia.

Pessoas autônomas são aquelas que respondem por seus atos sem depender das normas religiosas ou de qualquer outra regra moral.

O atual caso de pedofilia mostra que os novos tempos da ética da autonomia alcançaram também a Igreja Católica. Pelos direitos humanos processam-se padres, dioceses e até o Vaticano. Já não são suficientes o reconhecimento do erro e o pedi-

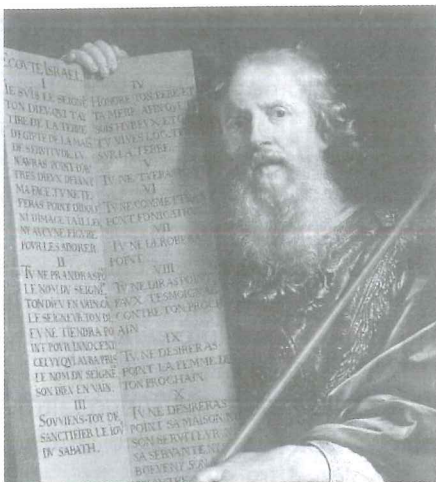
A igreja de Jesus é dirigida por homens com as limitações de todos, seja qual for o seu grau hierárquico.

do de desculpa às vítimas. Será necessária uma intervenção jurídica, canônica e civil, visto que o clérigo faltoso é, ao mesmo tempo, um cidadão.

A história mostra o resultado negativo de normas aplicadas durante séculos, como o celibato, no caso atual da pedofilia. É preciso reconhecer esse fato, e não tergiversar. As normas envelhecem e, com o andar do tempo, geram efeito contrário do esperado.

De fato, toda a estrutura de normas e disciplinas que sustentam o celibato dos padres não faz mais sentido para o mundo contemporâneo. O que faz sentido é um clérigo de muita fé, bem formado em teologia e filosofia e plenamente integrado na sociedade. A atual estrutura da formação do clero age contra os grandes propósitos da igreja.

Nos dias atuais, é incompreensível, por exemplo, que a mulher ainda esteja longe do exercício sacerdotal. Uma revisão profunda da formação do clero certamente incluirá



a mulher. Esse é o pensamento da comunidade cristã em sua grande maioria.

Não faço esse comentário olhando as coisas de fora, como simples espectador que nada tem a ver com o assunto. Pelo contrário, como católico, punido por suposto desvio doutrinário, sinto-me profundamente envolvido, e essas notas querem contribuir para que, no seio da igreja, encontremos novos rumos.

Frases para reflexão

"Além da nobre arte de fazer coisas, existe a nobre arte de deixar coisas sem fazer. A sabedoria da vida consiste na eliminação do que não é essencial."

Lin Yutang

"Diante da sabedoria infinita vale mais um pouco de estudo da humanidade e de um ato de humanidade do que toda ciência do mundo."

Santa Teresa

Duas atitudes são decisivas: primeiro, não ter medo de quebrar paradigmas arcaicos. Segundo, prestar máxima atenção à realidade, aos modos de vida atuais. Assim poderemos construir um novo paradigma na igreja, que inclua homens e mulheres nos exercícios do sacerdócio.

Será um fato novo, um novo dia, há muito esperado. Essa é a lição positiva que emerge dos atuais debates sobre desvios morais em setores da Igreja Católica.

* *Notas dos editores:* **Olinto Pegoraro**, ex-padre, doutor em filosofia pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica), é professor de ética na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde. É autor, entre outras obras, do livro *Ética dos Maiores Mestres*. O autor é Sócio Fundador da SEAF – Associação de Estudos e Atividades Filosóficas (1976), tendo sido seu Presidente e, hoje, é respeitado e reconhecido com o título de "Presidente de Honra".

Receita de Dona Cacilda

Dona Cacilda é uma senhora de 92 anos, miúda, e tão elegante, que todo dia às 8 da manhã ela já está toda vestida, bem penteada e discretamente maquiada, apesar de sua pouca visão.

E hoje ela se mudou para uma casa de repouso: o marido, com quem ela viveu 70 anos, morreu recentemente, e não havia outra solução.

Depois de esperar pacientemente por duas horas na sala de visitas, ela ainda deu um lindo sorriso quando a atendente veio dizer que seu quarto estava pronto. Enquanto ela manobrava o andador em direção ao elevador, dei uma descrição do seu minúsculo quarto, inclusive das cortinas floridas que enfeitavam a janela.

Ela me interrompeu com o entusiasmo de uma garotinha que acabou de ganhar um filhote de cachorrinho.

- Ah, eu adoro essas cortinas.

- Dona Cacilda, a senhora ainda nem viu seu quarto...

- Espera um pouco... Isto não tem nada a ver, ela respondeu, felicidade é algo que você decide por princípio. Se eu vou gostar ou não do meu quarto, não depende de como a mobília vai estar arrumada... Vai depender de como eu preparo minha expectativa.

E eu já decidi que vou adorar. É uma decisão que tomo todo dia quando acordo.

Sabe, eu posso passar o dia inteiro na cama, contando as dificuldades que tenho em certas partes do meu corpo que não funcionam bem...

Ou posso levantar da cama agradecendo pelas outras partes que ainda me obedecem.

- Simples assim?

- Nem tanto; isto é para quem tem autocontrole e exigiu de mim um certo treino pelos anos a fora, mas é bom saber que ainda posso dirigir meus pensamentos e escolher, em consequência, os sentimentos.

Calmamente ela continuou:

- Cada dia é um presente, e enquanto meus olhos se abrirem, vou focalizar o novo dia, mas também as lembranças alegres que eu guardei

para esta época da vida. A velhice é como uma conta bancária: você só retira aquilo que guardou. Então, meu conselho para você é depositar um monte de alegrias e felicidades na sua Conta de Lembranças. E, aliás, obrigada por este seu depósito no meu Banco de Lembranças. Como você vê, eu ainda continuo depositando e acredito que, por mais complexa que seja a vida, sábio é quem a simplifica.

Depois me pediu para anotar:

COMO MANTER-SE JOVEM

1. Deixe fora os números que não são essenciais. Isto inclui a idade, o peso e a altura. Deixe que os médicos se preocupem com isso.

2. Mantenha só os amigos divertidos. Os depressivos puxam para baixo. (Lembre-se disto se for um desses depressivos!)

3. Aprenda sempre:

Aprenda mais sobre computadores, artes, jardinagem, o que quer que seja. Não deixe que o cérebro se tome preguiçoso. Uma mente preguiçosa é oficina do Alemão. E o nome do Alemão é Alzheimer!

4. Aprecie mais as pequenas coisas.

5. Ria muitas vezes, durante muito tempo e alto. Ria até lhe faltar o ar. E se tiver um amigo que o faça rir, passe muito e muito tempo com ele ou ela'

VIVA enquanto estiver vivo.

6. Quando as lágrimas aparecerem aguente, sofra e ultrapasse. A única pessoa que fica conosco toda a nossa vida somos nós próprios.

7. Rodeie-se das coisas que ama: Quer seja a família, animais, plantas, hobbies, o que quer que seja.. O seu lar é o seu refúgio.

8. Tome cuidado com a sua saúde: Se é boa, mantenha-a.

Se é instável, melhore-a.

Se não consegue melhorá-la, procure ajuda.

9. Não faça viagens de culpa. Faça uma viagem ao centro comercial, até a um país diferente, mas NÃO para onde haja culpa

10. Diga às pessoas que ama que as ama a cada oportunidade.

11. Não esqueça de ir à Igreja (seja qual for sua religião: onde dois ou mais estiverem reunidos em Meu nome lá estarei Eu no meio deles. Cuide do seu espírito como você cuida do seu corpo. Este ficará aqui e o outro... Pense nisso, pois ninguém poderá fazer por você.

E, se não transmitir isto a pelo menos quatro pessoas - quem é que se importa? Serão apenas menos quatro pessoas que deixarão de sorrir ao receber uma mensagem sua.

Mas se puder pelo menos partilhar com alguém!

"Nada vale a pena se não tocarmos o coração das pessoas."

Resposta a situações que nos incomodam

Geni Fiorezze Dariva *

O ser humano tem atitudes que apenas são respostas de suas vivências, de suas experiências. São atitudes dos pais que, às vezes, provocam o comportamento indesejado dos filhos. Mas, por que os adultos nem sempre são equilibrados em suas atitudes:

O que fazer diante de tantos desmandos e de tantos desequilíbrios? Toda pessoa, ao saber-se SER HUMANO, gostaria imensamente de partilhar tudo de sua vida com as pessoas que estão ao seu redor, com as pessoas que ela ama. Nem sempre isso é verdadeiro.

Vejamos um exemplo: Uma mãe que não é amada enquanto pessoa, dificilmente, é capaz de amar enquanto mãe. Irrita-se com as idas e com as vindas do filho que não tem interesse de ser certinho, mas apenas pensa em ser e em realizar tal tarefa. A mãe que já está irritada com outras limitações e/ou com outras dificuldades, mas que não pode extravasar o que sente, acaba

ferindo um princípio fundamental de sua vida e de suas relações humanas: O AFETO com o filho e/ou com as pessoas bem próximas em sua família. Querendo dizer o quanto ela está ferida pelos seus problemas pessoais, acaba machucando outras pessoas e pessoas queridas, parte de si mesma: SEUS FILHOS... Só que estes filhos ainda não têm o discernimento e a compreensão acabando por não saber o que fazer nem como administrar e situação.

Os filhos reagem: uns, com depressão; outros, com gritarias outros, com agressividade física; outros ainda, com pancadarias com brigas, com palavrões ...com birras...com revoltas.... Sendo esta terceira categoria (brigas... palavrões...birras... revoltas) o sinal profundo do despertar da rejeição pessoal e da não aceitação da situação que o filho(a) teve. O filho não aceita que a mãe ou o pai brigue com ele. A agressividade - repetida com frequência próxima - torna-se um hábito, e o hábito fica vício, e o vício começa a



fazer parte do todo do ser da pessoa. E a pessoa se torna sádica, irônica ou que faz pouco caso dos outros. Este é um comportamento de quem está gritando por socorro. Assim sendo, a criança ou o adolescente – que já viveu um tempo suficiente para obter o vício pela repetição – já está acostumado a não receber o afeto, o respeito e os bons tratos. Se a pessoa for muito inteligente, pode ter este comportamento mesmo que ela ainda não seja adolescente, isto é, enquanto criança, mas que já raciocina, ou seja, por volta dos 6 ou mais anos - até os 10 anos de idade. Então, como resolver estes problemas todos?

Por vezes, queremos dizer às pessoas que estamos incomodados. No entanto, ao invés de falarmos isso mesmo, agimos como se as pessoas fossem nossas inimigas. É uma atitude de defesa pessoal, própria de quem não consegue entender o que se passa ao redor de si. Dizemos que todos nos agredem, dizemos que nossos projetos não têm resultados positivos, dizemos que tudo dá errado, dizemos que não somos competentes para realizar tais e tais tarefas... Outras vezes, atribuímos nossas dificuldades, nossas limitações e nossas frustrações às pessoas que convivem conosco. Dizemos que não as suportamos, que elas só fazem coisas erradas,

abafamos a pessoa, machucamos... Enfim, deprimimo-nos diante das mais simples situações, mas que acabam por se tornarem complicadas, porque só usamos óculos escuros.

Quando estamos diante das limitações do outro, por que não fazemos o exercício: Se eu estivesse no lugar dele(a), qual seria o meu comportamento?

Neste momento, é preciso parar e fazer uma avaliação de nossas atitudes e de nossa resistência. Avaliar a razão de estarmos incomodados conosco mesmos, mas que atribuímos aos outros a causa de nossa irritação. Pior de tudo isso é quando esses outros são pessoas próximas de nós como: nosso(a) companheiro(a), nossos filhos, nossos alunos, nossos colegas...

A verdade é que qualquer atitude de que estas pessoas tiverem serve de motivação para nossa irritação. Cuidado! Estas pessoas também podem não aceitar o nosso comportamento, e o resultado é um só: quebra, separação, distanciamento. Sim, pois ninguém gosta de ser maltratado, de ser rejeitado, de não ser acolhido. E a corrente se instala, podendo desenvolver situações distorcidas dentro de nós e de forma repetida, tornando-se o que diríamos na gíria: ranços que, se forem repetidos,

tornam-se hábitos (vícios) denominados classicamente: esclerose.

Ninguém que vai acolher outra pessoa poderá fazê-lo se não se sentir amado(a), acolhido(a) ... O que nos incomoda tem mais importância do que o que incomoda os outros. Por isso, é preciso que paremos e que escutemos o nosso coração... Veremos, então, que o que sujou a nossa água, o que turvou o nosso rio foi apenas alguém que também tinha sede e que se jogou no rio para beber água também.

O problema não está no outro, ele mora dentro de nós. É necessário resolver a nossa situação e, depois, a tempestade terá outra maneira de ser encarada. Não deixar que nossos problemas mal-administrados atrapalhem o nosso sucesso tanto afetivo quanto profissional.

Além do mais, a pessoa que se

incomoda facilmente é uma pessoa de expressão fechada, é uma pessoa amarga, que se irrita por qualquer motivo. É até feia de rosto! O problema que gritamos por nossas atitudes e que queremos que seja distanciado de nós é problema muito simples: queremos ser amados.

Assim, somos pessoas e, como tal, queremos ter um relacionamento afetivo e compreensivo. Não esqueçamos, porém, que as nossas limitações têm de ser aceitas por nós e que as limitações dos outros deverão ser mais um desafio a que nos relacionemos bem. Quando estamos diante das limitações do outro, por que não fazemos o exercício: Se eu estivesse no lugar dele(a), qual seria o meu comportamento: diferente ou igual a ele(ela)?

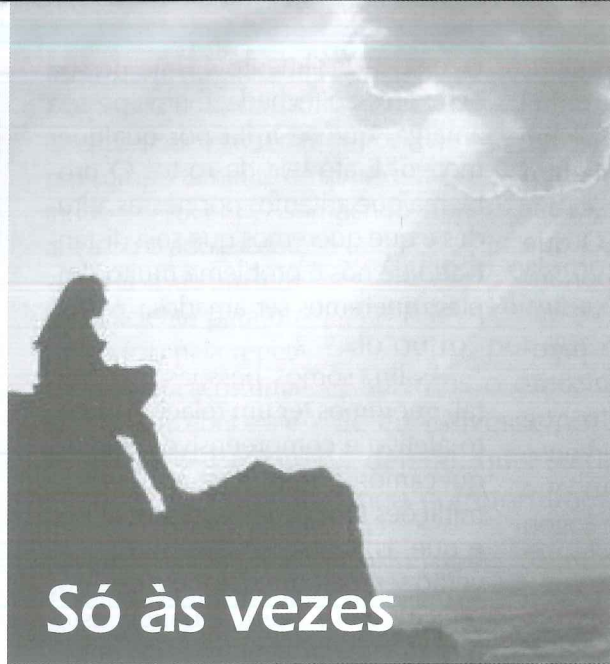
* Geni Fiorezze Dariva é Coordenadora do MFC no Estado do Rio Grande do Sul
Transcrito do livro *Cuide do Amanhã*

Frases

"Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos."

"Há pessoas que desejam saber só por saber, e isso é curiosidade; outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade; outras, para enriquecerem com a sua ciência, e isso é um negócio torpe; outras, para serem edificadas, e isso é prudência; outras, para edificarem os outros, e isso é caridade"

Santo Agostinho



Só às vezes

Danuza Leão

A gente luta pelas conquistas sociais, pensa no bem geral, na justiça entre os homens, mas até que ponto? Até onde esses ideais não interferem em nossos interesses pessoais, claro.

Numa eleição você escolheu seu candidato por razões precisas: entre outras, ele prometeu lutar para que as mulheres tivessem o direito de ficar quatro meses em casa depois do parto. Agora, seja sincera e diga o que sente, no fundo do coração, quando sua empregada, que você adora e trata tão bem de suas crianças, comunica que está grávida. Fica feliz ou pensa, lá no fundo, que ela não

precisava inventar esse filho logo agora? (O bebê vai nascer nos primeiros dias de dezembro, deixando você sozinha no Natal, no Ano Novo e no Carnaval, e ainda por cima nas férias).

Quando você vai a uma festa daquelas, no sábado, e domingo às 9h da manhã, bem na porta de sua casa, estaciona um caminhão de som lutando pelos direitos dos deficientes, com direito a muitos discursos e muito samba, dá para dizer o que passa pela sua cabeça ou é melhor ficar calada, para não ser tachada de nazista?

Num país com tantas desigualdades sociais, quem pode, como você, comprar ingresso para ver seu artista predileto numa casa de shows é uma pessoa privilegiada; e nada mais digno de aplausos do que o projeto cultural que prometeu instalar em alguns pontos da cidade pequenos palcos onde aos sábados, domingos e feriados cantores se apresentarão. Um desses palcos é a 50 metros de sua casa, e todo fim de semana, enquanto a galera vibra, canta e dança, você, que trabalha a semana inteira e tudo o que queria era silêncio para ler um livro em paz, e que votou nesse candidato exatamente porque ele prometeu levar

alegria às ruas, amaldiçoa o evento ou fica feliz, vendo o povo contente nas ruas?

A Linha Vermelha é uma maravilha. Uma maravilha, sim, e palmas para tudo que melhora nossa cidade: palmas, bem entendido, quando você vai para o aeroporto, toda feliz, pegar seu avião para Nova York, ou rumo a Petrópolis, passar o fim de semana no sítio. Mas num belo dia de sol, você percebe que não pode ir à praia porque a Linha Vermelha – oh, surpresa – tem uma mão que vai, mas também tem uma que vem, o que significa que na areia não vai encontrar nem 50 cm de espaço para se sentar – e deitar, nem pensar; você pensa o quê? Melhor nem falar.

Aquela praia quase particular pertinho de Angra, de difícil acesso e pela qual você pagou uma fortuna, parecia toda sua; mas um dia aparecem cinco pessoas e armam uma barraca a 500 metros de sua casa. Ninguém jogando futebol, fazendo churrasco, ou tornando banho de mar pelado, todos na mais perfeita paz; e você, que votou no

PV achando que o mar é um bem de todos, começa a pensar seriamente em mandar subir uma cerca eletrificada para desfrutar do paraíso sozinho com seus amigos.

Oh, vida.

Difícil a tal coerência, quando se trata de nosso sono, da nossa casa, dos nossos filhos, da nossa vida. Mas é preciso pensar no bem do país, no bem dos que têm muito menos do que você; será pedir muito?

Naquela manhã em que o samba impediu você de dormir, quanta gente se divertiu – e não é bom saber disso? E sua bàbá, que está feliz porque vai ter um filho; puxe pela memória e lembre como você ficou, quando soube que ia ter o seu...

Mesmo que você não seja uma Madre Teresa de Calcutá, deixar a bondade vencer a maldade que temos juntinhas, no mesmo coração, faz bem.

TENTE, PELO MENOS ÀS VEZES.

danuza.leao@ uol.com.br

“O homem sábio é aquele que não se entristece com as coisas que não tem, mas rejubila-se com as que tem.”

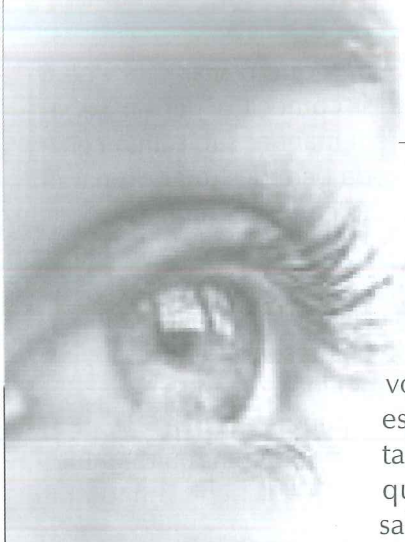
Epiteto

“O conhecimento chega, mas a sabedoria demora.”

Alfred Tennyson

Talvez um dia!

Rev. Luiz Henrique Sola no Rossi



Quem sabe, um dia talvez, você resolve fazer alguma coisa diferente em sua vida. Quem sabe, talvez, você resolva dizer alguma coisa nova à sua esposa, uma palavra carinhosa, um elogio, talvez um dia seus olhos fiquem cheios d'água quando você for abraçado por ela. Quem sabe um dia você vai olhar para seu filho de uma maneira atenciosa e sentir seu coração pulsar mais intensamente; ou então, vai ficar emocionado por vê-lo correr em direção a você, sorrindo pela sua chegada depois de um dia de trabalho.

Talvez um dia você não sentirá vergonha de abrir seu coração e falar de seus sentimentos, seus sonhos, seus medos suas dúvidas. Talvez um dia você vai baixar a guarda, abrir os portões dessa fortaleza que é sua vida e permitir que outros entrem e façam parte dela. Quem sabe um dia, você vai conseguir dizer todas as coisas importantes e profundas que estão aí guardadas e jamais foram ditas à pessoa alguma. Quem sabe vai expressar o amor que está aí dentro.

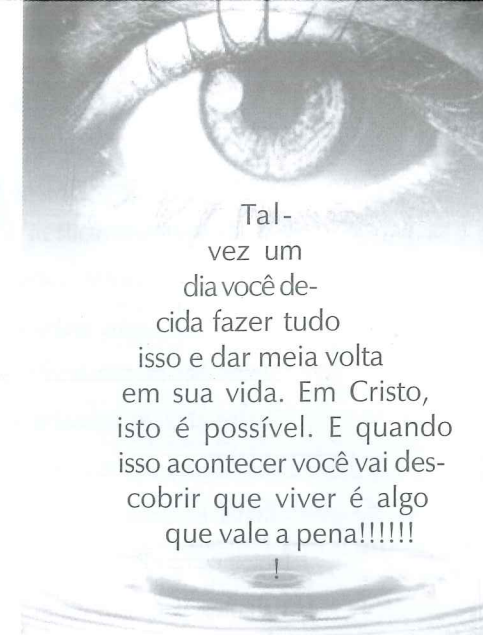
Talvez um dia não haverá constrangimento de olhar nos olhos das pessoas. Quem sabe um dia você não sentirá vergonha de dizer "eu amo você" àquelas pessoas que você ama; dizer "senti sua falta" aqueles que se ausentaram por alguns dias. Talvez um dia você não se sentirá tolo por chorar quando for preciso e rir muito quando achar graça de alguma situação. Talvez um dia você terá coragem de ser você mesmo, se

acordar para a realidade de que a vida é muito mais do que isto que você está vivendo. Talvez um dia você vai chegar à conclusão de que as pessoas precisam ouvir aquilo que você acha que elas já sabem.

Talvez um dia você vai descobrir que jamais deveria ter dito "talvez um dia", pois pode ser que este dia nunca chegue. Jogue fora esta expressão! Hoje é o tempo

de viver intensamente cada momento de nossas vidas, de viver plenamente nossos relacionamentos.

Hoje é o tempo de abraçar, de amar, de expressar sentimentos. Faça isso, antes que seja tarde, "antes que se escureçam teus olhos na janela, e tremam teus braços e tuas pernas, e teus lábios já não possam falar como antes e a tua força não seja a mesma" (Eclesiastes 12,118). Antes que não haja mais quem possa ser alvo de sua atenção. Não deixe que a morte lhe ensine a viver, mas viva hoje na força de Deus, uma vida intensa e realizada.



Talvez um dia você decida fazer tudo isso e dar meia volta em sua vida. Em Cristo, isto é possível. E quando isso acontecer você vai descobrir que viver é algo que vale a pena!!!!!!
!

Transcrito do Jornal "O Elo" do MFC de Maringá(PR)



Frases

"Não é teu aquilo que distribuis ao pobre, estás apenas lhe restituindo o que é dele. Porque foste tu que usurpaste aquilo que é dado a todos para o bem de todos. A terra pertence a todos, e não aos ricos".

Santo Ambrosio – SurNaboth, XII, 53, PL, 14, 747 B, ibid., p. 252.

Este texto é citado pela encíclica Populorum Progressio, n. 23

"A sabedoria não nos é dada. É preciso descobri-la por nós mesmos, depois de uma viagem que ninguém nos pode poupar ou fazer por nós."

Marcel Proust

Tantos tantos...

Tantos caminhos percorridos... E tantas pedras sem sentido.

Tantos lares reformados... E tantos filhos sem carinho.

Tantas cores nas cortinas...

E tantos rostos em preto e branco.

Tantos dias se passaram... E tantas horas passageiras.

Tantos abraços agasalhados... E tanto frio na calçada.

Tantos deuses em seus altares... E tantos homens sem teto.

Tantas escadas elevadas... E tantos planos sem altos.

Tantos compadres conversando... E tanta briga pra nada.

Tantas alegrias e tristezas... E tanto nada pra nada.

Tantos horrores nos porões... E tantas crianças na praça.

Tantos corredores e labirintos... E tantas cartas postas na mesa.

Tantos encantos nos mantos...

E tanta saudade (do outro) escondida.

Tantos quebrantos aos tantos...

E tanta Ave-Maria cheia de graça.

Tantas alegrias e tristezas...

E tantas lembranças "esquecidas".

Tantas palavras e recursos e discursos...

E tantos bancos ao luar cheios de flores.

Tantas mágicas jogadas ao ar... E tanta miséria crua aos olhos.

Jorge Leão
MFC São Luis

A arte de ouvir

De todos os sentidos, o mais importante para a aprendizagem do amor, do viver juntos e da cidadania é a audição. Disse o escritor sagrado: "No princípio era o Verbo". Eu acrescento: "Antes do Verbo era o silêncio." É do silêncio que nasce o ouvir. Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. Só posso ouvir a verdade do outro se eu parar de tagarelar.

Quem fala muito não ouve. Sabem disso os poetas, esses seres de fala mínima. Eles falam, sim. Para ouvir as vozes do silêncio. Veja esse poema de Fernando Pessoa, dirigido a um poeta:

"Cessa o teu canto! Cessa, que, enquanto o ouvi, ouvia uma outra voz como que vindo nos interstícios do brando encanto com que o teu canto vinha até nós. Ouvi-te e ouvia-a no mesmo tempo e diferentes, juntas a cantar. E a melodia que não havia se agora a lembro, faz-me chorar..." A magia do poema não está nas palavras do poeta. Está nos interstícios silenciosos que há entre as suas palavras. É nesse silêncio que se ouve a melodia que não havia. Aí a magia acontece: a melodia me faz chorar.

Não nos sentimos em casa no silêncio. Quando a conversa para por não haver o que dizer tratamos logo de falar qualquer coisa, para por um fim no silêncio. Vez por outra tenho vontade de escrever um ensaio sobre a psicologia dos elevadores. Ali estamos, nós dois, fechados naquele cubículo. Um diante do outro. Olhamos nos olhos um do outro? Ou olhamos para o chão? Nada temos a falar. Esse silêncio, é como se fosse uma ofensa. Aí falamos sobre o tempo. Mas nós dois bem sabemos que se trata de uma

farsa para encher o tempo até que o elevador pare.

Os orientais entendem melhor do que nós. Se não me engano o nome do filme é "Aconteceu em Tóquio". Duas velhinhas se visitavam. Por horas ficavam juntas, sem dizer uma única palavra. Nada diziam porque no seu silêncio morava um mundo. Faziam silêncio não por não ter nada a dizer, mas porque o que tinham a dizer não cabia em palavras. A filosofia ocidental é obcecada pela questão do Ser.

A filosofia oriental, pela questão do Vazio, do Nada. É no Vazio da jarra que se colocam flores.

O aprendizado do ouvir não se encontra em nossos currículos. A prática educativa tradicional se inicia com a palavra do professor. A menininha, Andréa, voltava do seu primeiro dia na creche. "Como é a professora?", sua mãe lhe perguntou. Ao que ela respondeu: "Ela grita..." Não bastava que a professora falasse. Ela gritava. Não me lembro de que minha primeira professora, Da. Clotilde, tivesse jamais gritado. Mas me lembro dos gritos esganiçados que vinham da sala ao lado. Um único grito enche o espaço de medo. Na escola a violência começa com estupro verbal.

Milan Kundera conta a estória de Tamina, uma garçonete. "Todo mundo gosta de Tamina. Porque ela sabe ouvir o que lhe contam. Mas será que ela ouve mesmo? Não sei... O que conta é que ela não interrompe a fala. Vocês sabem o que acontece quando duas pessoas falam. Uma fala e outra lhe corta a palavra: 'é exatamente como eu, eu...' e começa a falar de si até que a primeira consiga por sua vez cortar: 'é exatamente como eu, eu...' Essa frase 'é exatamente como eu...' parece ser uma maneira de continuar a reflexão do outro, mas é um engodo. É uma revolta brutal contra uma violência brutal: um esforço para libertar o nosso ouvido da escravidão



e ocupar à força o ouvido do adversário. Pois toda a vida do homem entre os seus semelhantes nada mais é do que um combate para se aposar do ouvido do outro..."

Será que era isso que acontecia na escola tradicional? O professor se apossando do ouvido do aluno (pois não é essa a sua missão?), penetrando-o com a sua fala fálica e estuprando-o com a força da autoridade e a ameaça de castigos, sem se dar conta de que no ouvido silencioso do aluno há uma melodia que se toca. Talvez seja essa a razão porque há tantos cursos de oratória, procurados por políticos e executivos, mas não haja cursos de escutatória. Todo mundo quer falar. Ninguém quer ouvir.

Todo mundo quer ser escutado. (Como não há quem os escute, os adultos procuram um psicanalista profissional pago para escutar. Toda criança também quer ser escutada. Encontrei, na revista pedagógica italiana "Cem Mondialità" a sugestão de que, antes de se iniciarem as atividades de ensino e aprendizagem, os professores se dedicassem por semanas, talvez

meses, a simplesmente ouvir as crianças. No silêncio das crianças há um programa de vida: sonhos. É dos sonhos que nasce a inteligência. A inteligência é a ferramenta que o corpo usa para transformar os seus sonhos em realidade. É preciso escutar as crianças para que a sua inteligência desabroche.

Não fique tão SÉRIO

– Estou me demitindo! – diz a faxineira do banco ao gerente, irada. – O senhor não confia em mim!

– Mas o que é isso, Maria?! – diz ele, espantado. – A senhora trabalha aqui há vinte anos, eu até deixo as chaves do cofre na minha mesa!

– Eu sei! – diz a faxineira, chorando. – Mas nenhuma delas funciona.

Duas amigas se encontram num shopping e uma delas comenta:

– Que linda pulseira de ouro você está usando!

– Obrigada! – a outra agradece – Foi presente de aniversário do meu marido. Mas não é de ouro, não!

A amiga insiste:

– Puxa, mas é muito bonita mesmo. Nem parece bijuteria. Você conhece bem os metais preciosos?

– Não – ela responde com uma convicção inabalável –, não entendo quase nada sobre jóias. Mas conheço muito bem meu marido!



Sugiro então aos professores que, ao lado da sua justa preocupação com o falar claro, tenham também uma justa preocupação com o escutar claro. Amamos não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A escuta bonita é um bom colo para uma criança se assentar...

O marido, ao chegar em casa no final da noite, diz à mulher que já estava deitada:

– Querida, eu quero amá-la!

A mulher, com voz sonolenta:

– A mala? Ah... não sei onde está, não! Usa a mochila que está no maleiro do quarto de visitas.

– Não é isso querida, hoje vou amar-te!

– Por mim, você pode ir até Júpiter, até Saturno e até onde quiser desde que me deixe dormir em paz!

Três senhoras muito velhinhas se reúnem para o chá da tarde.

– Puxa, acho que estou ficando esclerosada – comenta uma delas. – Ontem eu me peguei com a vassoura na mão e não me lembrava se já havia ou não varrido a casa.

– Isso não é nada – diz a outra. – Outro dia eu me vi de pé, ao lado da cama, de camisola, e não sabia se tinha acabado de acordar ou se estava me preparando para dormir.

– Cruzes! – fez a terceira.

– Deus me livre de ficar assim! Isola! – e deu três batidinhas na mesa: "toc-toc-toc."

Olhou para as outras e emendou:

– Esperem um pouco que eu já volto! Tem gente batendo na porta!

Deixe sua marca

Maria Heliete

"A nossa condição humana é limitada e temporária". Não somos os donos da casa. "Somos hóspedes e peregrinos" do local do nascimento ao local do sepulcro". É duro! Mas é a mais concreta realidade.! "Somos todos Convidados!" "A nossa condição humana é limitada e temporária". Não somos os donos da casa. "Somos hóspedes e peregrinos" do local do nascimento ao local do sepulcro". É duro! Mas é a mais concreta realidade.! "Somos todos Convidados!"

Tudo começa com o meu próprio peregrinar. É o meu desafio, meu processo; "Sou um caminhante que anda no traçado do tempo, procurando-se andarilho nas vielas de meu próprio ser". "No final de uma vida o que mais valerá será olhar para o caminho trilhado e perceber quantas pegadas reais, de nossos pés, existem encravadas na areia". "O que vale para a integridade humana é a quantidade de pegadas que deixamos".

No meu caminhar há a força educativa que me proporciono "devido à necessidade vital da incorporação de experiências existenciais acumuladas ao longo das gerações. Elas devem ser aprendidas e assimiladas por meio da Educação para que aprendamos a observar, intuir e induzir em vez de nos tornarmos meros especialistas em acessar máqui-

nas e sermos incontroláveis consumidores". "A pedagogia insubstituível que têm e vêm dos estímulos da Natureza expandem os horizontes da nossa psique e vai nos habilitando na difícil "arte de pensar e escolher".

É certo que, no nosso caminhar, há muita coisa que não podemos controlar, mas muitas coisas estão, sim, sob nossa jurisdição: existem determinados bilhetes de loteria que posso comprar, aumentando assim minhas chances de encontrar satisfação: posso decidir como gasto meu tempo, com quem interajo, com quem compartilho meu corpo, minha vida, meu dinheiro e minha energia. Posso decidir o que, como, o que leio e o que estudo. Posso escolher como vou encarar as circunstâncias da minha vida se as verei como maldições ou como oportunidades (posso até mudar

minha atitude); posso escolher minhas palavras e o tom de voz com que falo com os outros. E, acima de tudo posso escolher meus pensamentos!"

SOMOS OS TITULARES DE NOSSAS DECISÕES!

E há a convivência do peregrinar: somos dois, três, uma multidão, um povo, a humanidade. E, esta convivência é um exercício para não perdermos a individualidade e cristalizarmos o individualismo.

É paciência! É sonhar! É ter utopias. É alimentar a Esperança reino, no dia-a-dia, Mas... Educação é fundamental! Respeitando os silêncios, as tristezas, a euforia, as alegrias do outro; respeitar a privacidade do outro e, até lembrar que no casamento as duas pessoas não viram uma quando se casam ou estão juntas num projeto, num caminhar. Continuam sendo duas!

E a velhice é a última chance que a vida nos oferece para acabar de crescer, madurar e, finalmente terminar de nascer.

A velhice é uma exigência do homem interior, isto é, do nosso eu profundo, do nosso modo singular de ser e de agir, a nossa marca registrada, a nossa identidade mais radical, personalíssima e que se escondeu atrás de muitas máscaras que usamos milhares de vezes no teatro da vida na qual desempenhamos muitos papéis. É a hora de deixarmos o "palco" e nos perguntarmos: Quem sou eu? Que sonhos me movem? Que anjos me habitam e que demônios me atormentam? As respostas nunca serão conclusivas, mas já vislumbremos a sabedoria. Ela vem do espírito com o qual vivenciamos a velhice, a etapa final do crescimento e do nosso verdadeiro Natal!

Transcrito do "Hífen", publicação do MFC de Nova Iguaçu (RJ).

"Há pessoas que desejam saber só por saber, e isso é curiosidade; outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade; outras, para enriquecerem com a sua ciência, e isso é um negócio torpe; outras, para serem edificadas, e isso é prudência; outras, para edificarem os outros, e isso é caridade"

Santo Agostinho

"O que não sabe é um imbecil. O que sabe e cala é um criminoso."

Bertold Brecht

O Místico, quem é?

Pe. Geovane Saraiva *

O místico é aquele irmão marcado profundamente pela graça de Deus, com dons e talentos, colocados a serviço do próximo. É um homem totalmente voltado para Deus e para a realidade, com os pés firmes no chão, com uma grande capacidade perceber, de um modo lúcido, os desafios, as exigências e as dificuldades do seu tempo, numa enorme vontade de superá-las.

Karl Rahner, ordenado sacerdote em 1932, da Companhia de Jesus, nascido na Alemanha e que viveu de 1904 a 1985, foi um dos maiores e mais importantes Teólogos do Século XX, marcando forte presença, com os seus dons e inteligência privilegiada, como assessor, no Concílio Vaticano II. Também desempenhou um papel de destaque, incentivando a Igreja Católica, no sentido de se abrir ao mundo e às diversas tradições religiosas, dizia com a coragem profética de que lhe era peculiar: "O cristão do futuro, ou será um místico ou não será nada".

O místico é aquela pessoa que sabe conviver e dialogar com todas



as pessoas do mundo inteiro. Numa palavra, é um cidadão do planeta, cidadão universal, consciente de que o diálogo é uma arte que deve ser cultivada, com sinceridade e paciência, através da palavra, da conversa, do colóquio e da comunicação.

Dom Helder Câmara, era antes de tudo um místico, assim definiu o nosso grande teólogo, Padre José Comblin. E como místico, tornou-se conhecido no Brasil e no mundo inteiro por sua luta em favor humanidade, especialmente os desafortunados da vida e empobrecidos, "os sem voz e sem vez".

Sua vida foi uma grande obra de arte, pela sua simplicidade em viver, conviver e dialogar, indo ao encontro e amando a todos, indistintamente. É como tão bem disse Mahatma Gandhi: "A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte". Certamente ele teve suas

contradições, limitações e erros, mas segundo Roosevelt, "o único homem que não erra é aquele que nunca fez nada". Deus foi mais forte e bondade sem limites, fazendo dele um belo instrumento do seu amor e da sua paz.

O místico é alguém que sabe experimentar o amor de Deus, Pai e Criador. Inicia bem as suas ativi-

dades e é perseverante, indo até o seu término. Eis a frase que sintetiza a vida do nosso maior profeta e místico: "É graça divina começar, graça maior é persistir na caminhada, mas a graça das graças é não desistir nunca" (Dom Helder).

* Pe. Geovane Saraiva

Paróquia de Santo Afonso

pegeovane@paroquiasantoafonso.org.br

Falar de Arnaldo

Falar de Pe. Arnaldo Lima Dias é rezar e cantar versos e litânias, é rezar e entoar belas salmodias, pelas cercanias de Salvador, Feira de Santana a Coração de Maria.

Falar de Pe. Arnaldo Lima Dias é animar as nossas utopias de uma Igreja que nos fale de esperanças, comunhão e alegria.

É elaborar espontâneas Liturgias brotadas do sentimento popular de uma baianidade plena de Axé, esperança, igualdade e harmonia.

É celebrar a Vida em parceria.

É sentir a presença de Maria-mãe, abraçando, embalando e confortando os nossos desenganos de cada dia.

.....Ôi mamãe.....

Graciete de Freitas Sampaio,
no lançamento do livro SALMOS – Vol.I -
Rezados e reescritos na África e na Bahia, de
Pe. Arnaldo Lima Dias.

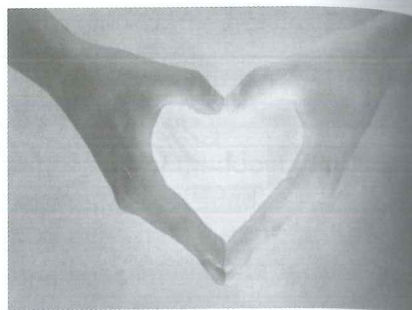
Superar a desigualdade é promover a paz

Pe. Nelito Dornelas *

A desigualdade social é o maior desafio da sociedade brasileira. Esta questão é gravíssima e merece uma profunda reflexão para quem deseja contribuir na construção de uma sociedade humanizada. O ideal seria falarmos de sociedade igualitária, mas como este ideal está tão distante, pensemos pelo menos no aspecto humanitário. Para nós que vivemos o hoje da nossa história, sentimos-nos tão envolvidos nele que, por certas razões, chegamos mesmo a pensar que não há saída para os nossos problemas. Como aconteceu no passado com o padre Antônio Vieira que, vivendo dentro do sistema de escravidão de sua época, chegou a afirmar que "acabar com a escravidão seria o mesmo que acabar com o Brasil". Na verdade, ele estava tão absorvido pelo sistema vigente que para ele só existia aquele modelo de sociedade. Ao dizer "acabar com o Brasil", de fato, significava dar fim àquele projeto que se estava implantado nestas terras.

E assim chegamos ao século XXI com um país de 170 milhões de

"De tuas altas moradas irrigas os montes, com os frutos das tuas obras sociais a terra. Fazes colocar o feno para o gado e a erva útil ao ser humano, para que tire da terra o seu pão". (Salmo 104)



habitantes, mas com apenas 20% da população de classe média, que é a classe formadora de opinião e, consequentemente, a mais exigente. Afinal, é a "classe que tem uma melhor autoconsciência. É a que tem acesso à formação de qualidade, aos bens de consumo de primeira linha, a uma alimentação de qualidade, pode ir e vir com maior liberdade e tantas outras coisas mais. Esta questão é tão desafiante que, no Brasil, tudo é pensado e executado para atender aos anseios da classe média. As nossas cidades são construídas em função da classe média e a mídia é toda montada para explorar os seus desejos de consumo. A própria religião soube se adaptar muito bem à classe média.

Quais são os dinamismos criadores e mantenedores da desigualdade?

Para nós, enquanto observadores, é interessante percebermos como a população brasileira vê esta situação de desigualdade. A pergunta fundamental que deve ser levantada sobre a dignidade humana e a desigualdade social é se elas nascem com as pessoas ou se elas são adquiridas.

Em uma recente pesquisa promovida pelo CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs), constatou-se que 75% dos entrevistados reconhecem que a desigualdade social já está no Brasil além do aceitável. 44% dos entrevistados consideram a desigualdade social como algo natural.

Esta pesquisa nos coloca diante de um grande desafio, o pior de todos os dramas: a naturalização da desigualdade que é aceita por quase a metade dos entrevistados, embora a veja como inaceitável.

Agimos quando acreditamos que podemos mudar uma situação.

Educar para a paz é o primeiro princípio para se estender no Brasil e no mundo a superação da desigualdade social. A construção da paz só se faz com políticas públicas que atendam às necessidades básicas e fundamentais de todos.

Nós não podemos ser objetos do Estado. Temos que mudar o Estado. Há alguma coisa de errado nele. O Estado não é o que quer ou o que se diz ser, mas o que a cidadania o faz ser e querer. Sem direitos sociais, ecológicos, ambientais não há direitos humanos.

No Brasil existem 45 milhões de famílias e toda a renda nacional fica nas mãos de apenas 15 mil famílias. Para superar a situação de desigualdade social há de superar a cultura do fatalismo pelo imperativo ético. Caso isso não aconteça nós fracassaremos como projeto de nação.

Para canalizar as energias populares em prol de uma mobilização popular, o caminho proposto é o de eleger um ponto comum a todos como mecanismo de interferência. É o que a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos Brasil) nos propõe: Um mutirão nacional de superação da miséria e da fome.

O país não pode crescer sem distribuir renda. Precisamos conhecer para combater. Entre nessa. Participe das iniciativas da sociedade civil que promovam a dignidade e a igualdade. Só assim poderemos viver e conviver em paz.

Pe. Nelito Dornelas é Coordenador do Projeto Mutirão Nacional de Superação da Fome e da Miséria.

Assessor da CNBB.

Transcrito da Folha da Boa Nova de Governador Valadares

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONDIR SUDESTE

MÓDULO Nº. 13

TEMA: SUSTENTABILIDADE

(A sustentabilidade está em evidência. As mudanças climáticas e os desafios impostos pela desigualdade social de nosso planeta reforçam a importância deste tema.)

Caros amigos (as) mefecistas, através de nosso programa de formação, nesta décimo terceiro módulo, vamos refletir sobre um tema que estamos ouvindo diariamente, sejam nos meios de comunicação social ou mesmo em nossos ambientes de convivência: trabalho, amizades, lazer e familiares: A SUSTENTABILIDADE.

Este estudo pretende abordar os aspectos fundamentais para que nossas ações tornem o nosso planeta mais sustentável. Não tem a pretensão de esgotar o assunto, mesmo porque, este é um assunto que muito ainda vai exigir de cada um de nós; e a cada década, se não mudarmos nossos hábitos, estará gerando em nosso cotidiano muitas dificuldades e agruras.

Falar sobre os problemas que afligem a sociedade e introduzir novos conceitos não é tarefa fácil. Mesmo quando os assuntos em questão são de interesse de todos, como acontece com temas ambientais e relativos

à sustentabilidade das atividades humanas no planeta.

Em primeiro lugar é preciso entender: O QUE É SUSTENTABILIDADE?

O desenvolvimento sustentável é um conceito que propõe que as sociedades se desenvolvam sem comprometer as condições sociais, ambientais e econômicas das próximas gerações e as estimula fazer o mesmo.

Esta é sem dúvida uma proposta interessante, mas que nos oferece poucos elementos para entendermos como contribuir, e é aí que entra a responsabilidade social do MFC.

A responsabilidade social oferece alternativas para que questões sociais e ambientais sejam integradas à gestão do MFC, gerando uma conscientização em seus membros, criando assim uma nova forma de viver, dando importância às iniciativas de preservação do meio ambiente e valorizando as ações e as atitudes que tenham essa finalidade.

Isto resultará em uma nova forma de viver: a forma de vida sustentável.

Antes de prosseguirmos: QUE EXEMPLOS CONHECEMOS, E PODEMOS CITAR DE ATITUDES CONSCIENTES E RESPONSÁVEIS PARA O BEM ESTAR DO PLANETA? (Seja no MFC, em família, na indústria e comércio, no Governo, etc).

Podemos, após as nossas reflexões, afirmar que um mundo sustentável é aquele que pode atender às necessidades razoáveis de todos os habitantes sem comprometer seus recursos naturais ou de beleza.

Como podemos medir, se nossas ações estão dentro de parâmetros que correspondam às situações sustentáveis?

Medimos isso quando observamos que nossas ações renovam e protegem o meio ambiente e a sociedade. Quando nossos interesses ou nossas ações, estão sobrepondo os interesses da sociedade e agredindo o meio ambiente, significa que estamos vivendo de forma insustentável, ou seja, estamos colaborando para a destruição e a degradação do mundo em que vivemos.

Como entender isso na prática?

Em nosso cotidiano podemos reciclar o lixo, desligar as luzes que não estão sendo necessárias, utilizar a água sempre de maneira racional,

reutilizando-a sempre que for possível, reduzir o uso de embalagens descartáveis, comprar produtos orgânicos, com os colegas de trabalho propor e incentivar o rodízio de veículos, evitar queimadas, participar de campanhas de conscientização, denunciar situações de agressão ao meio ambiente (desmatamento, poluição de rios, lixões), ajudar na divulgação de organizações comprometidas com a prática de proteção do meio ambiente, adquirir produtos e serviços de empresas que aplicam processos que visam proteger o meio ambiente, recolhimento de pilhas e baterias, recolhimento de óleo vegetal (1 litro de óleo vegetal descartado no meio ambiente, pode contaminar 1 milhão de litros de água de nossos lençóis freáticos, com criatividade ele pode gerar renda produzindo sabão caseiro), uso consciente e mínimo de papéis (cadernos, folhas sulfites em impressora), pois florestas inteiras são derrubadas para obtenção de celulose, enfim, são muitas as maneiras que temos no dia a dia para protegermos nosso planeta.

Após compartilhar diversas experiências no âmbito da sustentabilidade, adquire-se a consciência de que o esforço é recompensador e que ao disseminar esse propósito é possível impulsionar não somente o

futuro daqueles que amamos e estão mais próximos de nós, mas também o compromisso com a sociedade e com o meio ambiente.

Há hoje uma crescente preocupação por parte das Empresas em compreender as dimensões da sustentabilidade e descobrir como aplicá-la para o bem de todo o planeta. Em reportagens recentes fala-se que o montante do investimento socialmente responsável, por parte de Empresas, (isto é programas e ações que visam preservar o meio ambiente e a biodiversidade), é superior a US\$ 2,5 trilhões. É muita grana, mas esse esforço só é viável se encontrar nas pessoas, ou seja, em cada um de nós, a disposição de se comprometerem com a causa e com a conscientização de uma mudança de vida em prol do planeta.

O valor da sustentabilidade tem sido absorvido velozmente pela sociedade. Há cerca de 30 anos, o tema ecologia era visto como assunto abordado por radicais, mas hoje, ficamos indignados com o corte de uma árvore e muitos levantam a voz em relação ao desmatamento.

Pesquisas do INSTITUTO AKATU (www.akatu.com.br), pelo consumo consciente mostrou crescente interesse dos brasileiros em relação às práticas socio-ambientais das empre-

sas. O percentual saltou de 72%, em 2004, para 77%, em 2006/2007. Outro estudo do AKATU, de 2006, mostra que um em cada oito brasileiros preocupa-se em mobilizar outras pessoas para a prática do consumo consciente. Aponta também que, de 2005 para 2006, a proporção de consumidores que incentiva outros a prestigiar empresas socialmente responsáveis cresceu de 36% para 43%.

Os números acima, mostram e convidam movimentos como o nosso, a exercerem mais ativismo ético diante de tudo o que for desfavorável à preservação do meio ambiente. Não dá mesmo para ignorar o que está acontecendo com o mundo. Mais do que nunca, o MFC pode no seu hoje, assumir em todas as suas instâncias, a tendência global de valorização de práticas e ações socialmente responsáveis. Este apelo de proteção ao planeta é o tema do XVII Encontro Nacional, previsto para 2010 em Vila Velha – ES.

COMO CRIAR UMA CULTURA DE SUSTENTABILIDADE NO MFC?

Desenvolver uma visão clara de que a sustentabilidade significa para o MFC a partir de perguntas-chaves:

Como as ações e projetos do MFC cruzam com os interesses da sociedade?

Como o mundo, principalmente aquele do qual fazemos parte, melhora ou piora em decorrência das atividades do MFC?

Que impacto social e ambiental positivo o MFC gera?

Qual o comprometimento do MFC, considerando as necessidades das futuras gerações?

O MFC conta com líderes fortes e preocupados com a sustentabilidade?

CINCO PASSOS POSSÍVEIS PARA SE IMPLANTAR ATITUDES DE SUSTENTABILIDADE NAS AÇÕES DO MFC:

1. Escolher situações de sustentabilidade que repercutirão entre os mefecistas, procurando atender necessidades ou preocupações que eles tenham nas esferas social ou ambiental;

2. Envolver a comunidade para que as ações e propostas ganhem dimensão;

3. Concentrar as ações de acordo com as realidades e necessidades de cada cidade ou região;

4. Capacitar os mefecistas para que eles percebam situações de agressão e degradação do meio ambiente e participem de ações e projetos para transformá-las;

5. Comprometimento profético com as questões ambientais, isto sig-

nifica: anunciar e denunciar, promover e fortalecer, envolver e participar, avaliar e celebrar.

Após aprofundarmos um pouco nosso conhecimento em relação ao tema SUSTENTABILIDADE, o que é, qual sua importância, o que representa e como nos atinge, podemos fazer o seguinte questionamento:

QUE ATITUDE CONCRETA PODEMOS ASSUMIR COMO EQUIPE BASE?

(eleger um casal para ser o guardião da proposta, sempre lembrando a Equipe Base do compromisso assumido com este gesto concreto).

E como Cidade?

E como Estado?

E como Condir (Conselho Diretor Regional)?

E como Condin (Conselho Diretor Nacional)?

Tania e Tiquinho

(Secretaria de Formação – Condir Sudeste)

a.feliciano@deltasuper.com.br



PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONDIR SUDESTE

MÓDULO Nº 14

TEMA: FORMAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

(À pedidos, este trabalho foi elaborado e é para ser aplicado em momentos de formação, reunindo os mefecistas da cidade, ou em momentos de formação por ocasião de Conselhos Estaduais, Regionais ou Nacionais).

PARTE I: TEORIA DINÂMICA: FORMAÇÃO É CONSTRUÇÃO

Material a ser utilizado: Caixas de fósforos, uma por participante (poderão ser cheias, pois serão reaproveitáveis), papéis coloridos (cortados no tamanho da caixa de fósforo), tesoura, caneta, cola e fundo musical.

Nº de participantes: Indeterminado.

Tempo aproximado: 90 minutos.

DESENVOLVIMENTO: Convidar cada participante a pegar uma caixa de fósforo e um pedaço de papel colorido. Pedir que todos pintem, enfeitem, coloquem o nome e cole na frente de cada caixa.

Colocar um fundo musical para que efetuem o trabalho. Terminada esta parte, o orientador indicará uma mesa, previamente preparada, onde deverá ser construído um edifício utilizando-se todas as caixas.

Se o número de participantes for grande, provavelmente haverá queda antes da conclusão da obra.

Observar todas as atitudes e

convidá-los sempre a tentar calmamente construir o edifício, se preocupando com a base sólida para que a construção chegue ao final.

REUNIÃO EM GRUPOS: Reunidos em grupos, deverão questionar o trabalho: Se tiveram êxito, qual foi o motivo, se falharam tentar descobrir o porquê.

REFLEXÃO: Nossa participação na construção da formação é fundamental. Onde estivemos colocados não importa, seja no alicerce ou no telhado, cada um tem a responsabilidade de fazer bem a sua parte. Assim como o fermento, que uma vez adicionado à massa, não aparece, mas faz a sua parte, devemos fermentar (construir) situações favoráveis a formação, e, para isso, é necessário não escolhermos o melhor lugar, mas sim onde somos necessários.

Também é importante ressaltar que a organização e união são fatores que auxiliam na construção da formação. Enquanto não nos conscientizarmos de que somente juntos, passo a passo, al-

cançaremos bons resultados em formação, estaremos dando voltas e mais voltas, sem conseguir atingir o objetivo maior que é constituir nosso Movimento de membros conscientes e comprometidos com a família e com a construção de um mundo melhor.

PARTE II: PRÁTICA

Material a ser utilizado: Tiras de papel para as respostas, canetas.

Tempo aproximado: 60 minutos

Formação é a construção do saber. É aprofundar o conhecimento.

Vamos aproveitar os grupos já definidos e praticar uma das muitas formas que podemos utilizar com o objetivo de desenvolvermos formação, ou seja desenvolver o conhecimento. Hoje a nossa prática será através de um jogo cultural.

A cada resposta certa o grupo estará acumulando cinco (5) pontos. Teremos 2 minutos para cada resposta.

1 - Nas bodas de Caná, aconteceu o primeiro milagre de Jesus. Depois de uma conversa com sua mãe, Jesus, dizia não ter chegado sua hora. Ela sem hesitar, se dirigiu aos serventes. O que foi que Ela disse?

2 - Em seu anúncio Jesus declarou dois grandes mandamentos. Quais são?

3 - O que disse Jesus quando lhe ofereceram alimento, logo após seu diálogo com a samaritana?

4 - O que disse Jesus a respeito do divórcio?

5 - Complete a frase: "As raposas têm suas covas e as aves do céu (ninhos), mas (o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça)".

6 - O que disse Jesus a Zaqueu ao entrar em sua casa?

7 - Jesus foi crucificado ao lado de dois ladrões. Um considerado mal ladrão que blasfemava o tempo todo, e outro tido como bom ladrão, por um duplo sentido: primeiro por se demonstrar arrependido e por outro por conseguir, no último instante, "roubar" o céu. Pergunta: Qual o nome destes ladrões? Qual era o bom, e qual era o mau ladrão?

8 - No Horto das Oliveiras, no momento da prisão de Jesus, Pedro tomando de uma espada, feriu um dos soldados da guarda romana, cortando-lhe a orelha. Pergunta: Qual era o nome deste soldado?

9 - O que disse Jesus a Marta quando esta pediu que Ele desse um jeito de fazer Maria ajudá-la?

10 - Jesus teve em Pedro uma grande confiança, tanto que lhe confiou a missão de dar prosseguimento de sua obra. Mas Jesus também disse que Pedro o negaria antes do galo cantar. Pergunta: Quantas vezes Pedro negou Jesus e quantas vezes o galo cantou?

11 - No milagre da multiplicação, quantos pães e quantos peixe tinha um menino?

12 - Jesus foi crucificado em monte conhecido como Calvário. Qual era o nome deste monte em hebraico, língua bastante utilizada na época de Jesus, e qual seu significado?

13 - No nascimento de Jesus, três Reis, seguindo a estrela, vieram adorá-Lo. Pergunta: Qual o nome desses Reis?

14 - A "Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos", que foi uma iniciativa de Paul Wattson, padre anglicano, tem como objetivo a fraternidade e a união dos cristãos. É

um evento ecumênico e sua realização é constantemente marcada pela oração. Ela é a alma do ecumenismo, a alma da caminhada do povo cristão rumo à unidade desejada por Jesus Cristo. Pergunta: A quantos anos esta semana é celebrada?

15 - Aproveitando o gancho da pergunta anterior, muito já se falou sobre ecumenismo. Muitos de nós, provavelmente, já tem sua compreensão desse tema. E é também possível que seja ecumenicamente atuante em seu modo de compreender e viver a fé cristã. Contudo sempre é importante rever a nossa compreensão das coisas. Pergunta: Qual o significado da palavra ECUMENISMO?

16 - O Concílio Vaticano II, é considerado por muitos, como um novo "Pentecostes", tamanha foram as modificações inseridas na Igreja após o mesmo. O Papa à época era Paulo VI, que observando tanta transformação lançou uma encíclica e poderíamos dizer que este documento foi o reconhecimento conciliar católico da história do Ensino Social iniciada por Leão XIII. Pergunta: Qual o nome desta encíclica e qual sua tradução?

17 - Dia 12 de Outubro, por sugestão do Papa João Paulo II ao então Presidente Fernando Henrique Cardoso, foi instituído como o dia da Padroeira do Brasil. Pergunta: Qual o nome de nossa Padroeira?

18 - Qual o significado da sigla CNBB?

19 - Qual o significado da sigla ENA?

20 - Em julho de 2004, o MFC realizou seu XV Encontro Nacional

na cidade de Bagé - RS. Pergunta: Qual foi o tema deste Encontro Nacional?

21 - Qual o nome do fundador do MFC, e qual sua nacionalidade?

22 - Na última AGN (Assembleia Geral Nacional), do MFC, uma de suas regiões teve sua denominação alterada. Pergunta: Qual foi essa região, e como é atualmente?

23 - A Igreja Católica oferece aos seus fiéis sete sinais, que são na verdade momentos fortes de aproximação de Deus. Estes sinais são conhecidos como sacramentos. Pergunta: Quais são?

24 - No dia 06 de Agosto de 2008 foi celebrado o trigésimo (30º) aniversário de morte de Giovanni Battista Montini. Figura carismática e pragmática da Igreja Católica Apostólica Romana. Pergunta: Quem foi Giovanni Battista Montini?

25 - Sabemos que para conter a maldade e os desejos do ser humano, a Igreja nos oferece como sinalizadores os Pecados Capitais. Segui-los nos aproxima da perfeição e nos torna criaturas comprometidas com o plano de salvação. Pergunta: Quantos e quais são os Pecados Capitais.

Obs: O roteiro completo, com todas as respostas pode ser solicitado pelo endereço eletrônico: a.feliciano@deltasuper.com.br

Tânia e Tiquinho
(Secretaria de Formação -
Condir Sudeste)
a.feliciano@deltasuper.com.br

IMPORTANTE

AVISO AOS ASSINANTES

1 - Para a renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** um dos envelopes de depósito ou o boleto bancário que lhe for encaminhado.

2 - Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR** pelo telefax (32) 3218-4239 ou pelo E-mail livraria.mfc@gmail.com

3 - Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4 - O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago juntamente com os envelopes bancários e/ou boleto para renovação.

5 - Temos o máximo de interesse em continuar a mantê-lo como nosso assinante.